



# Materializações de um arquivo de agoras

Tiago Martins Loureiro

Relatório de projeto realizado no âmbito do  
Mestrado em Práticas Artísticas e Contemporâneas

Orientado pela Professora Sílvia Simões

Faculdade de Belas Artes Universidade do Porto

Porto, Setembro 2018

# Índice

O que é entregue	6
Agradecimentos	8
Resumo	10
À volta de	13
A "Coisa"	42
Aparição	47
Construção de armas	63
Como?	65
O agora ocupa-me o pensamento	66
Arquivar Arquivos	69
Pequenas precauções	73
O silencio que despoleta	86
Dei início à manifestação do silêncio	92
Força como símbolo de força	95
Construção do momento estático	97

Sobre o ego	125
As quatro horas de ausência	132
A oferenda	135
Eu cubro-te tu Cobres-me	142
Escudo	146
Estacas	148
Ali	158
A destruição da "Coisa"	168
Derrames de luz	175
Negação do preciosismo	180
Não é inútil	190

## O que é entregue

Dos três objetos entregues, um deles corresponde à introdução e reflexão sobre o trabalho prático; Um segundo à apresentação de um arquivo referido na reflexão; E ainda um terceiro que funciona como um anexo de poemas.

### Materialização de um arquivo de agora

A introdução tem como objetivo fazer uma pequena contextualização do projeto no campo artístico, tornando-se o elemento mais afastado da prática propriamente dita.

A restante reflexão sobre a prática assume dois tipos de escrita, um com objetivo documental do processo de trabalho e um outro, que se apresenta em forma de poemas, que podem ser lidos como complemento ao relatório, mas também pretendem ter um espaço independente.

### Apontamentos de desembarque no real

Este documento trata-se de um pequeno caderno que poderá funcionar como um diário do sonho. Consiste num conjunto de poemas que traduzem registos de imagens que presenciei, momentos antes de acordar, lugares enquanto estava a sonhar. Revelam-se como apresentação de um gesto que me é rotineiro, registar as memórias dos sonhos. Sendo a temática do sonho um dos elementos fundamentais na reflexão sobre a linguagem e processo do trabalho prático. Funcionam como sugestões de possíveis imagens imaginadas, partilho-as porque me fizeram levantar questões pertinentes relacionadas com a imagem e de que forma poderiam ser aplicadas ao trabalho prático.

### Armas que aguardam

Um caderno que apresenta imagens referentes ao arquivo de armas realizado, funcionando como um pequeno anexo de apresentação de cada uma.



Ao Alcides, pelas quatro horas de presença incansável e por todos os saberes transmitidos;

À Mafalda, pelo meu primeiro amuleto da sorte, por me lembrar que a palavra "acreditar" ainda existe;

À Carolina, por todas as pedras que me ajuda a apanhar, por todas as viagens intemporais sobre as águas dos rios e pela disponibilidade incansável;

À Soraia e à Brígida, por serem as maiores sonhadoras, por todas as fogueiras na praia, por todas as gargalhadas, por todas as pistas partidas, por todos os desejos atirados ao mar;

Ao Xavier, por todas as melodias que me permitiram viajar, por todas as sugestões e por me mostrar que o fazer é fundamental quando queremos dizer alguma coisa;

À Inês, pela mais honesta e humilde amizade, pelo companheirismo, por partilhar comigo todas as suas manifestações, por ser a minha compincha e por me fazer entender que vale a pena lutar por aquilo que acreditamos;

Ao Sr Fernando, por me mostrar o interminável arquivo de armas que construiu, por toda a sabedoria e pela questão " Mas tu queres fazer armas a sério ou a brincar? ";

À Manela, por todos os relatos das suas peças de teatro, por todas as cantigas, por todas as histórias a contar, por todas as ideologias, por todas as partilhas;

À minha orientadora, Sílvia Simões, pela paciência e pela permanente disponibilidade, por me pôr os pés na terra;

À Mimi, por partilhar comigo o mais bonito fascínio por gatos, pelo enorme carinho, pela mais reconfortante presença;

À Pisca, por ser uma explosão de alegria, pela energia imparável e por encobrir todas as minhas ausências;

À minha Mãe, pela maior demonstração de amor, pela mais bonita e emocional forma de agir, por me ter ensinado a acreditar em magia, por tornar tudo possível, pela harmonia e sobretudo pela ambição em fazer todos os possíveis pela nossa família;

Ao meu Pai, por tornar este projeto possível, pela inquestionável ajuda, por me ensinar tudo o que sabe, por ser o meu braço direito, por ser o meu símbolo de força, a pessoa mais forte que já conheci, por me acompanhar em todas as minhas etapas, por ser o meu melhor amigo;

Dedico este projeto aos meus pais.  
Foi tudo por eles, para eles.

## Resumo

Este projeto apresenta uma narrativa que se assume com a ideia de uma luta com o desconhecido. Em que os preparativos para o combate se tornam no início de uma longa batalha. O projeto gere-se em torno de uma questão primitiva relacionada com a defesa e ataque. Surgindo uma constante procura por objetos que me ofereçam uma proteção simbólica, com o objetivo de se tornarem apoios subconscientes para a forma como interpreto esta mesma narrativa.

This project features a narrative that takes the idea of a struggle with the unknown. The arrangements for the combat become into the beginning of a long battle. The project runs around a primitive issue with the defence and attack. Surging constantly search for objects that give me a symbolic protection in order to become subconscious support for the way I interpret this same narrative.

À volta de

"Circular de modo hesitante, só é útil e profundamente humano quando é feito em redor do que não tem resposta, do que não está ainda decidido, do que ainda nos espanta, do que ainda nos confronta, daquilo sobre o qual ainda se discute, argumenta, luta."

"Avanço que não tem um trajeto definido, mas sim um trajeto pressentido, trajeto que é constantemente posto em causa; quem avança hesita porque não quer saber o sítio para onde vai – se o soubesse já, para que caminharia ele? (...) hesitar é um efeito da acção de descobrir; só não hesita quem já descobriu, quem já colocou um ponto final no seu processo de investigação. "As minhas dúvidas formam um sistema", escreveu Wittgenstein. "

O trabalho prático tem como propósito debruçar-se sobre a ideologia simbólica dos objetos, a forma como os adquiro e como posteriormente os utilizo.

A necessidade de procura por simbolismos surge através de reflexões constantes sobre autorrepresentação, o que me levam a pensar sobre a forma como o meu imaginário pode transcrever a forma como me apresento.

Simultaneamente surgem questões relacionadas com objetos e a necessidade constante de os adquirir. O que me leva a refletir sobre coleções e arquivos, a ideia de múltiplos e a forma como estes se desenvolvem e interligam. O gesto intuitivo que funciona como uma ativação do momento de construção, faz-me questionar a necessidade do fazer e sobretudo compreender de onde surge esta mesma necessidade.

Os métodos de construção iniciam-se através do lançamento de exercícios, como pequenos rascunhos ou apontamentos de reflexões que posteriormente dão origem a possíveis imagens. O momento de construção dos exercícios tem como objetivo a individualização e reflexão sobre cada componente de um grupo de objetos.

Quando terminado o exercício, inicia-se uma segunda observação dos objetos, que requiere uma reflexão da minha posição em relação a eles. Sendo reavaliada a sua simbologia consoante a linguagem que apresenta, assim como a sua utilidade.

A questão do poder simbólico começa a intensificar-se à medida que vão surgindo reflexões sobre crenças e territórios de pensamento que me são desconhecidos. Os motivos de ponderação e a escolha dos campos de investigação começam a manifestar um retorno aos fascínios da infância, nomeadamente relacionadas com a questão do fictício e da magia. Todo o processo assenta num método onde a realidade e a ficção se controlam mutuamente.

Estes apontamentos são acompanhados de exercícios de leitura que têm como objetivo clarificar e esclarecer temáticas que surgem como novos interesses. Considero pertinente referir “O poder do simbólico” do Pierre Bourdieu (2014), a “Utilidade do inútil” do Nuccio Ordine (2016) e o “Atlas do corpo e da imaginação” do Gonçalo M Tavares (2013). Talvez por terem sido os três exercícios de leitura que levantaram as questões mais pertinentes deste projeto. Estes exercícios fizeram-me desenvolver a problemática “qual a utilidade de objetos cuja a sua função é a sua simbologia?”.

O que dá origem a três campos de reflexão, sendo estes o objeto, a simbologia e a sua utilidade.

Esta problemática foi-se desconstruindo à medida que as reflexões e o trabalho prático se iam desenvolvendo, o que levou a várias oscilações entre o pensar e fazer. Refletir sobre a prática e a sua intensão tornou-se algo curioso uma vez que a prática se desenvolve através de si própria, gerando constantes temáticas e campos de atuação. As influências literárias funcionam como apoios na reflexão, como auxílios de pós pensamento em relação à observação dos objetos.

“ Um avanço hesitante: eis um método; avançar, não em linha reta mas numa espécie de linha exaltada, que se entusiasma, que vai atrás de uma certa intensidade sentida; ”

“... só é digno de ser questionado, só é digno de ser investigado, o que ainda não tem fórmula, o que ainda não tem solução. E mais: o que nunca terá solução. Errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução : um método”

Fazer

"Investiga precisamente como um investigador, como alguém que quer descobrir um crime e procura vestígios, não do corpo da vítima, mas do mundo. O mundo está cheio de vestígios; o mundo pode ser visto como um universo de vestígios, isto é: como algo que aponta para outro lado, como se o mundo das coisas que existem não fosse relevante por si mesmo, mas sim por apontar para outras coisas que não são visíveis. O mundo visível como vestígio do mundo invisível - eventualmente o mais importante. "

A ânsia por uma linguagem material surge através de reflexões relacionadas com o gesto, o discurso e o pensamento. Entendo estas temáticas como elementos não visíveis, o que me faz questionar a potencialidade que o não visível pode ter numa investigação artística e pessoal.

Assumo este projeto como uma tentativa constante de transposição de sentimentos para o mundo material. Tomei consciência disso quando comecei a sentir necessidade de refletir sobre a palavra, sobre todas as palavras que podia dizer, o que me fez chegar à conclusão que nenhuma seria suficiente para realmente dizer o que pretendia. Apercebi-me que procurava uma outra forma de comunicar, afinal, não preciso de palavras para interpretar um pensamento ou uma ação. Nesta fase começa a fazer sentido o recurso ao silêncio, pensar o silêncio como o elemento que me possibilita ouvir e dizer tudo. Começa assim a surgir um interesse por tudo o que não é dito, em construir uma imagem que possa dar abertura à interpretação do invisível.

A necessidade pela materialização não tem como intensão relatar ou descrever um determinado pensamento, tem intensão de questionar, repensar inúmeras vezes e interpretar. Procurar a fórmula mais real e ficcional que me permita uma mensagem e me possibilite ver aquilo que penso. Com objetivo de se tornar num objeto real, um pensamento material, uma mensagem que realmente exista e que se impõe através da matéria e a sua forma.

Acaba por se tornar na partilha de uma reflexão, num tornar público um pensamento que se poderia ter perdido pelo tempo.

A procura pela comunicação sugere quase a ideia de diálogo para com o outro, este que posso ser eu refletido num espelho, poderão ser muitos outros, no entanto a comunicação apoia-se fundamentalmente na questão da observação. Esta começa a impor-se em simultâneo com a chamada de atenção para o silêncio e para o que é invisível ao espelho. O que me faz quase projetar uma imagem de um gesto, olhar-me e procurar-me como um outro. Refletir sobre o meu gesto, torna-se um novo método de reflexão e apoio à prática.

O ato de observação constante e a procura pela mensagem nos objetos faz-me pensar sobre a sua superfície, como um espelho ou uma máscara, numa procura pelo invisível que apresentam. O que me faz questionar, de uma forma geral, o que é que realmente vejo em frente ao espelho, serei mesmo eu, ou serei só o que está por dentro daquilo que vejo? O que despoleta uma tentativa de afastamento do pensamento, com objetivo de que se torne visível. Sendo transportado para o mundo material, exterioriza-se de mim, passa a ser um outro que consigo observar, uma mensagem material que posso reinterpretar.



Guardar

"Acreditar- isto é: ter prazer na contemplação de uma ficção e aceitá-la temporariamente como verdade.

Pode ser visto como uma patologia e, assim, o direito humano de ter prazer na contemplação de ficções artísticas poderia ser entendido afinal como uma fraqueza, doença, etc."

Existem constantes assaltos à memória com a intensão de encontrar partes perdidas do Eu. Estes assaltos resumem-se num constante retorno ao arquivo da casa, a todas as caixas, a todas as gavetas, funcionando como um gesto equivalente à procura de memórias, sendo estes quase inseparáveis. Esta exploração pelo arquivo reflete uma procura pelo agora, uma tentativa de reencontrar aquele objeto que já teve o seu símbolo, mas que agora já só tem a memória desse mesmo símbolo. Através deste gesto, gera-se uma procura pelo referente desconhecido, uma procura por uma linguagem em que só o múltiplo possibilita o entendimento de relações entre os objetos.

É nesta procura que se inicia o processo de seleção puramente intuitivo, no que diz respeito à questão afetiva para com os objetos.

Nesta fase de recolha e seleção de objetos, a narrativa mantém-se como um elemento fictício que se gere através dos referentes reais, tornando-se numa construção intuitiva que parte de um ato de reflexão e sobretudo uma procura constante de decisões. Apercebo-me de que o gesto de procura pelo que me rodeia funciona como um meio para conseguir entender o meu Eu, enquanto o procuro num mundo exterior ao meu corpo.

Procurar no exterior uma linguagem que me é interior torna-se num desafio no que toca à observação dos objetos enquanto partes ou extensões do meu pensamento. A tentativa de representação de mim mesmo começa a manifestar o aparecimento de outros, o que me faz questionar se seria essa a minha real intensão.

Há um momento em que surgem dúvidas sobre a imagem ao espelho, sobre o agora que me representa, o outro que vejo. Estas dúvidas fazem-me pensar sobre a construção de uma representação, nenhum método pode ser único na sua função de simbologia representativa, há uma constante construção de imagens que vivem de experiências. O que me leva a pensar que todas as experiências são, de uma forma ou de outra, exercícios fundamentais na procura por uma linguagem.

No entanto, surge a questão da observação de um objeto em específico, o espelho. Este como o único que me permite observar-me. Este exercício de observação fez-me questionar a forma como me procurava através e nos objetos, relacionando à forma como os observava, como outros. O que gera uma necessidade de me obter enquanto objeto, numa tentativa de afastamento de um meio para me conseguir observar.

Estas questões fazem-me criar relações entre o fascínio que se desenvolve pelos objetos e os seus momentos de utilização/observação. Associado à ideia de exercícios, estes momentos de pausa no tempo revelam-se fundamentais para o entendimento de temáticas e atribuição de simbolismos, assim como se tornam momentos em que ocorrem transformações nos objetos. Os exercícios realizados constantemente em espaço de atelier revelam-se através a necessidade de reposicionar os objetos inúmeras vezes. Apercebo-me de uma necessidade de reorganização constante, redispôr as coisas no lugar, procurar relações de proximidade e afastamento, numa procura por todas as mensagens invisíveis que ali se encontram. Reposicionar permite-me também chegar a conclusões que maioritariamente não são levantadas de forma intuitiva, nomeadamente na procura pelas características, sejam elas presentes nos objetos ou na forma como são dispostos.

O ato de reorganizar o espaço de atelier permite-me estar em constante contacto com os objetos, controlar o seu movimento, levá-los para aqui e para ali, desmontá-los e remontá-los... Estas ações começam a manifestar pequenos atos de representação, quase como realizar exposições para mim mesmo, reapresentar-me aos objetos e permitir que eles se reapresentem constantemente. Funcionam como espelhos, indícios de narrativas invisíveis, meios para me conseguir ver, antes de me apresentar.

Refiro-me à questão do exercício como um ritual, quer seja de construção ou de reorganização, isto porque se assemelham à ideologia quotidiana de trabalho, à tarefa doméstica, a pequenas ações que todos partilhamos de forma intuitiva sem refletir sobre elas. O ritual como momento de construção de algo, quer seja material ou intelectual.

É nestes rituais que há consciência de uma necessidade de organização do Eu perante um arquivo de arquivos. Numa tentativa de organização dos elementos que compõem estas ações de interação e manipulação de movimento.

É estabelecida a relação do corpo que age, o meu corpo, que observa um outro; com o corpo que é visto, os outros que são a matéria do corpo invisível que sinto e procuro constantemente materializar, assim como o sonho, a memória da imagem e o referente mundo do desejo. Sendo estes os elementos explorados nos exercícios que além da reorganização, também se manifestam através da escrita intuitiva, onde os pensamentos se tornaram em algo escrito e arquivado, assim como o registo de sonhos, com objetivo de arquivo e forte influência na construção e materialização da narrativa.

Refletir

" Olhemos de novo para o paradoxo e para a estranheza que é descrever e falar de atos interiores, atos que não modificam o mundo que rodeia o corpo, mas apenas o corpo propriamente dito(e a parte não visível dele.) temos logo aqui uma distinção importante, podemos falar em dois tipos de ações corporais: ações de alguém que age tornando visíveis os seus atos: ações no espaço; e ações de alguém que age, mas não torna visíveis os seus atos; está a fazer alguma coisa mas, frente a ele, nada vemos – ações no tempo, não visíveis."

O ato de materializar o pensamento e reorganizá-lo anuncia uma manipulação intuitiva. Os exercícios têm uma pequena condição, a proporção. A mão e o seu tamanho torna-se um elemento fundamental de comparação e interação, assim como escala. Uma vez que pretendo manipular inúmeras vezes os objetos, eles tem de obedecer às condições de fácil manuseamento. Com intensão de materializar o processo de controlo emocional e seleção de imagens a partilhar. Tratam-se de pensamentos materializados, são pequenos porque pretendem dar abertura à manifestação do invisível, anunciam, apontam e indicam, só têm essa função, o restante cabe ao corpo, ao movimento e à reflexão sobre estes.

O movimento, o gesto e o ato como elementos reveladores do barulho invisível. Comunicar através do movimento, faz-me questionar o misticismo dos objetos que aguardam a sua utilização, o seu momento de comunicação. Permitir que estes sejam o meu meio de apresentar uma narrativa faz-me refletir sobre o simbolismo da imobilidade e aquilo que pode ou não manifestar. O movimento começa a ser relacionado com o sonho, onde a imobilidade que me pode permitir voar é talvez a mesma que pode permitir o silêncio falar. Isto faz-me pensar sobre a necessidade de posse associada à necessidade de expressar uma ausência do visível. A procura de indícios externos que revelem indicadores internos de uma intensão.

A procura pelo movimento repetitivo vai de encontro à ideia de ritual, exercício e pausa contemplativa, a repetição como meio para uma viagem. Um terminar e recomeçar de movimentos que nunca serão os mesmos, apesar de semelhantes. Resume-se a uma fuga imaginária onde a mão é um componente fundamental de impacto que despoleta a construção do pensamento irracional.

A questão do desconhecido associada a misticismos que despoletam a narrativa surgem de um receio intuitivo pelo desconhecido. Uma tentativa de combate à aparição de um elemento que surge sem aviso prévio, uma surpresa que não é bem vinda. Há uma constante recorrência ao imaginário numa tentativa de apaziguamento do pensamento sobre o real. O misticismo despoleta constantes questões e curiosidades que se vão alimentando sobre si. A ideia de um ser que existe ou pode existir, associado a uma não crença que procura uma solução.

O mistério como simbologia de constantes questões sem resposta. Numa procura por métodos e meios que me permitam recombina e manipular agora e passados.

Esperar

“ Eis que encontramos um patamar importante: a imaginação tem por base algo que já existe, que já foi inventado; há sempre, pelo menos, uma analogia; algo no inventado, no criado de novo, que faz lembrar, que remete para uma coisa que todos já conhecem.

Não para o percebermos, que tal tarefa é impossível por completo, mas para o podermos pensar, para isso o objeto de pensamento terá que ser precisamente um objeto: uma “coisa”, qualquer que seja; coisa que tem partes que o meu pensamento conhece, reconhece. Imaginar não é portanto uma actividade executada sobre o vazio.”

Todas as manifestações e materializações, durante este espaço de tempo, revelam uma inutilidade prática quando as relaciono com o real. São inúteis porque na realidade não servem para nada, posso quase afirmar.

Impõe-se aqui uma dicotomia de opiniões, não posso concordar nem discordar que tudo isto é inútil, nem sequer que não o é. O tempo como sinónimo de espera, só o tempo poderá decifrar a utilidade dos objetos. No entanto, este processo de espera revela uma constante desistência e procura por novas formas de interpretar simbologias, de modo a que se possam revelar úteis posteriormente.

Numa breve reflexão sobre o meu percurso ao longo deste projeto, apercebo-me de que a ação é usada como meio para testar a sua própria utilidade.

Testes de utilidade fictícia aplicados ao real. Estes procuram constantemente que o imaginário se imponha perante o referente autobiográfico. A ficção passa a ser um método de trabalho, torna-se quase um duelo entre dois caminhos, que resultam no mesmo. A história real como único ponto de assimilação, dá origem a inúmeras reflexões e tentativas falhadas de intervenção nesta mesma história. Existe uma constante ambição em entender a inutilidade de uma ficção como uma resposta ao real. Entendê-la como uma ação e materializá-la para que se torne real. Tudo se revela útil quando apenas nos dá permissão.

Tornar real uma ficção, experimentá-la e sobretudo acreditar que existe, que tudo é possível, desde que é imaginável. Envolver-me e questionar esse ato, rejeitá-lo e procurar outras possíveis soluções, numa tentativa de aproximação ao que realmente existe.

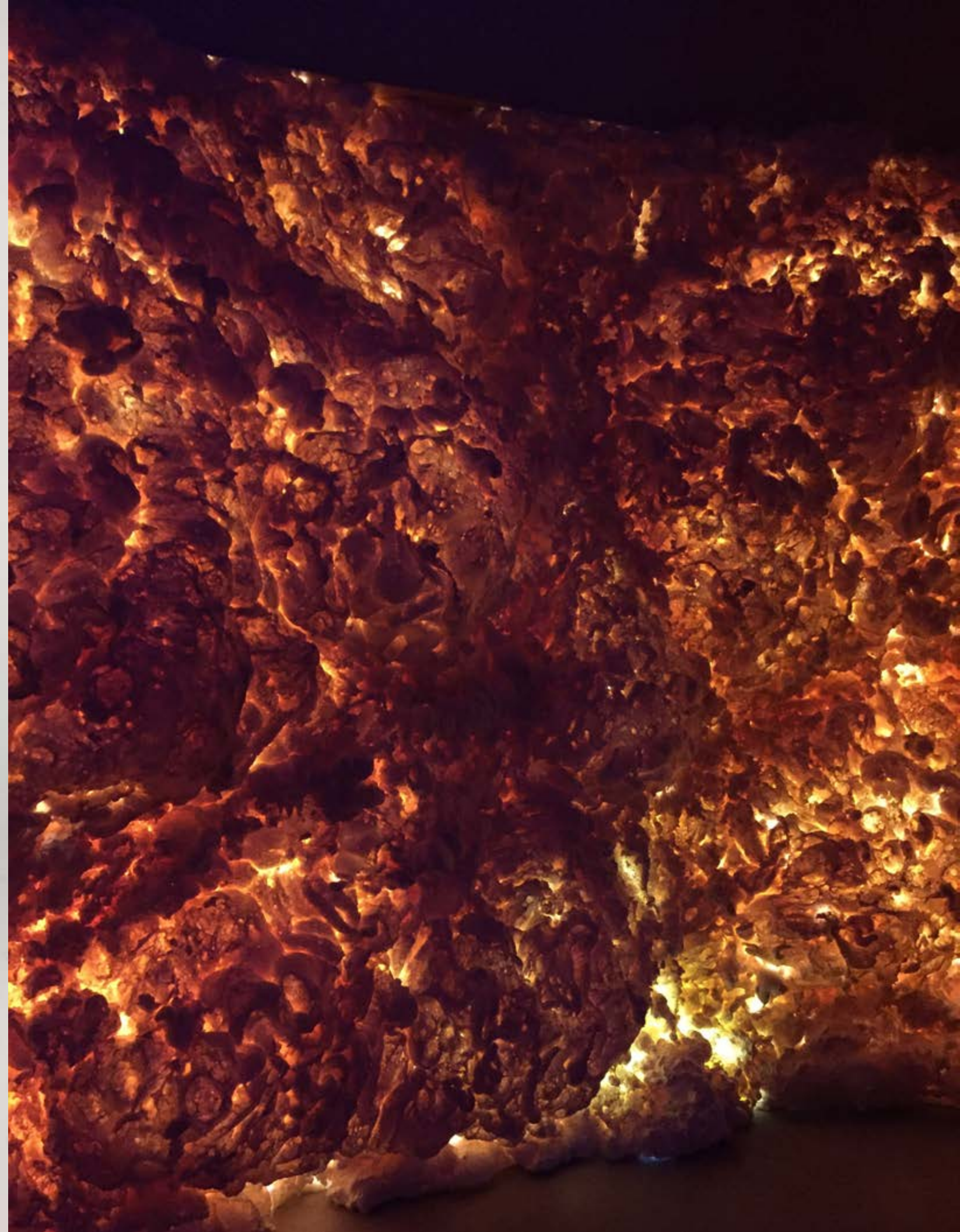
Projetar um palco e atuar, prever possibilidades e esperar.





## Querido diário

Separadores:  
Vidro,  
Folha de Wengue,  
Cartão,  
Papel holográfico.  
9,5 x 16 x 8,5 cm





- coi·sa  
(latim causa, -ae, causa, razão)  
substantivo feminino
1. Objecto ou ser inanimado.

2. O que existe ou pode existir.

4. Acontecimento.

5. Mistério.

6. Causa.

7. Espécie.

9. Qualquer objecto que não se quer ou não se consegue nomear.

A ideia de objeto que não se quer e não se consegue nomear, surge num momento em que assisto realmente à aparição uma "Coisa", uma nova condição física que causa impossibilidade, de tal modo que eu não consigo descrever ou então falar sobre ela.

Uma "Coisa" que eu não quero precisamente por ainda ser um mistério, a causa de muitas questões, o desmoronar emocional e físico de um corpo exterior a mim, mas que me afeta, porque me pertence emocionalmente. Uma nova condição de vida, uma nova ambientação, uma nova forma de agir, cautelosamente.

Um sistema de auto destruição plantado no interior do corpo pelo desconhecido. Talvez como um paralelismo daquilo que estamos a provocar no nosso planeta, a ativação de uma bomba relógio. Essa que só resultará na falta de condições para que consigamos sobreviver.

O objeto "Coisa", surge como imagem imaginada de algo que não consigo ver realmente, transforma-se num objeto ou ser que implica consequências devido à sua presença. Como uma ilustração material da forma como imagino um ser desconhecido, pensá-lo, imaginá-lo e torná-lo material, para que o possa ver e agir perante a sua presença imaginavelmente real.

Encontro-me na fila da frente de uma infinita plateia.

Inevitavelmente, assisti à ativação de um processo de autodestruição e a todos os seus desenvolvimentos... traduzo-o por Coisa.

Enquanto espectador surgem inúmeros pensamentos, reflexões, ações e associações relacionados com o que está a acontecer no palco que se encontra mesmo à minha frente.

O processo mental de alguém que assiste a uma  
aparição

Sendo a "Coisa" um fruto do desconhecido, a necessidade de a materializar passa pela procura de aproximação a simbolismos, resultando na pesquisa de um objeto que traduza fisicamente um indício de ausência de condições de sobrevivência.

Sendo este sistema de auto destruição, algo que se espalha e expande pelo corpo, associo a algo tóxico, que consome, enfraquece, intimida, mata...

## Espuma de Poliuretano

Como um fruto da industrialização, matéria tóxica, está em todo o lado, comporta-se metaforicamente como a "Coisa", cresce, expande-se, agarra-se, desenvolve-se, penetra, ocupa, sem movimento ou forma definida.

A procura de relações com o real, passa pela reflexão à cerca da forma como me sinto, enquanto espectador, perante a tomada de consciência de que se prevê uma grande batalha com o desconhecido.

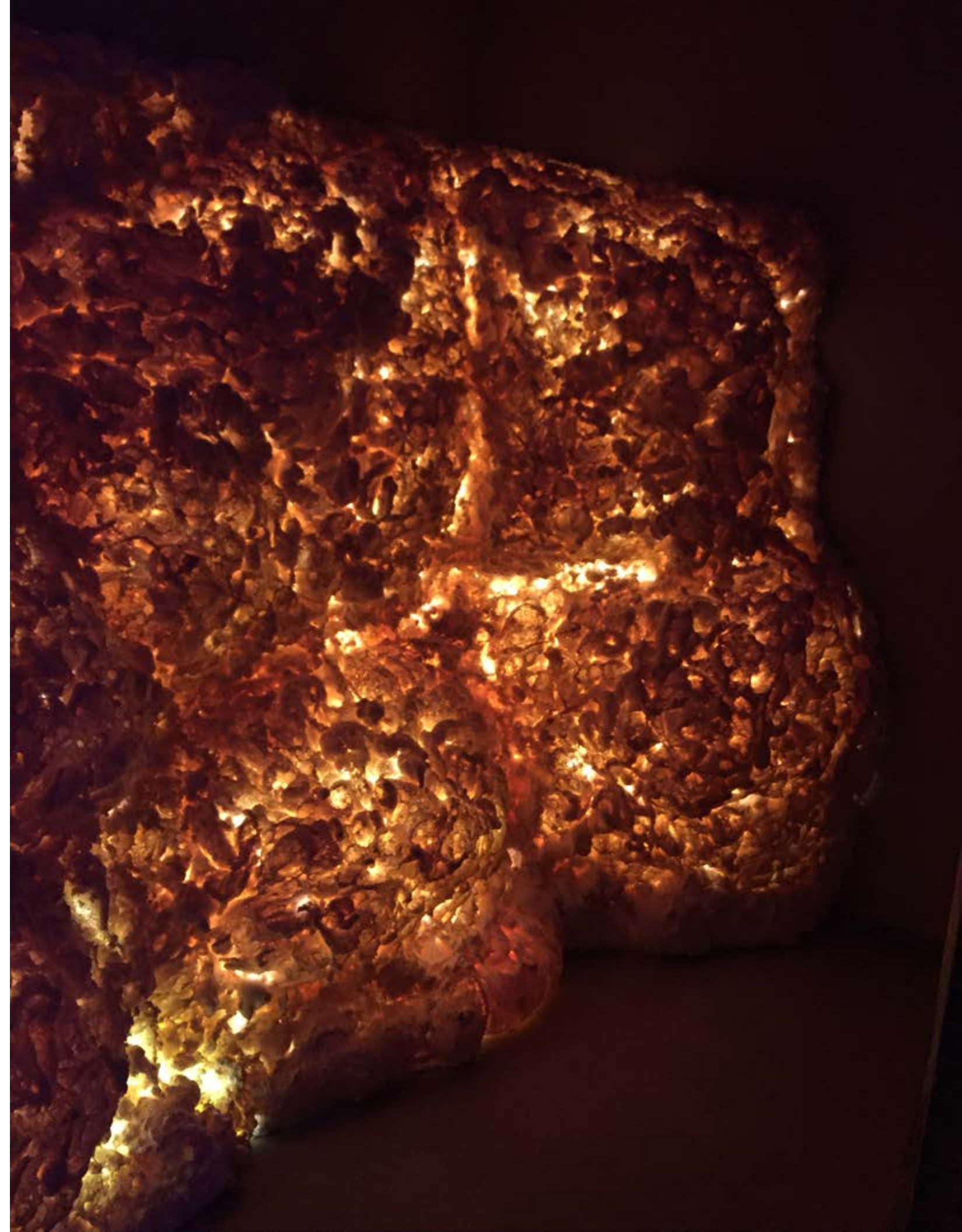
Relaciono as dimensões ao grau de intensidade/intimidação, sendo um objeto maior do que eu, intimida-me por isso.

## Movimento

Como uma casa observada durante a noite, emite luz do seu interior, o que traduz possível movimento, vida e sobretudo que alguma ação está a decorrer dentro daquele espaço. Neste caso uma habitação, noutro caso, o corpo.

A suposição/mistério mantêm-se uma vez que os observo sempre como um outro, exterior a mim e a ele mesmo, sendo indecifrável o que está a acontecer no seu interior.

A procura pelas tonalidades acaba em concordância com o material e a sua iluminação, uma vez que procuro um espectro de cores relacionados com o interior do corpo. Os amarelos alaranjados e vermelhos conseguem a desejada aproximação visual de algum ser, que quando iluminado no seu interior, se transforma, apela ao movimento, ao incandescente ou até mesmo à lava, mais uma vez, algo que intimida, como o fogo, mas que em simultâneo, me fascina pelo movimento que o vento lhe provoca.





## Exercício de aproximação à forma

Madeira de Pinho;  
Espuma de poliuretano;  
10,5 x 16 x 2,5 cm



## Aparição

Surge a minha primeira interpretação da "Coisa", no Gnracion, onde se manifesta numas escadas de emergência, local fundamental para o funcionamento do estabelecimento.

Apresenta-se associada a uma parede, enunciando que algo se está a desenvolver ali e, por consequência, a dificultar o fluxo natural de passagem, contribuindo para uma pequena disfunção. O que inevitavelmente coloca questões, pequenos impasses e sobretudo dúvida à cerca do que realmente é aquele objeto e o que poderá representar.

*"e foi assim que tudo começou..."*

Criando um paralelismo visual com a ideia de uma descoberta, uma possível alusão ao Big Bang, o início de alguma coisa, um possível tesouro encontrado no escuro, um pequeno flash de imaginação.

Um ser enorme comparado comigo,  
minúsculo comparado com todo o estabelecimento.

Tornando-se este, o primeiro capítulo da materialização de um agora, o momento em que se toma consciência de que surgiu um objeto estranho, a "Coisa". Neste caso, num estabelecimento, noutro caso, no corpo.



e foi assim que tudo começou...

Espuma de poliuretano;  
3 x 1,60 x 1,20 m  
Gnracion,  
Braga, 2017



Tentativa de aprisionamento.

Barro de Olaria;  
Madeira de Pinho;  
Linha.  
20 x 12 x 13 cm





Intuitivamente soube que esta aparição seria o início de uma enorme batalha. O que me fez refletir à cerca do instinto primitivo relacionado com a defesa e ataque. Como posso proteger-me? Como posso lutar?

Desde que me recordo, tenho um fascínio por espadas. Talvez por sempre as ter visto como símbolo de força, poder, assim como um objeto que possibilita um combate, além de que, deixando de parte a sua função, sempre as considerei objetos que me hipnotizam pela sua forma.

Deste modo, partindo de um processo intuitivo, dei início à construção de armas, sem qualquer intensão ou planeamento prévio.

A exploração de técnicas, formas e materiais possibilitou-me a elaboração de uma coleção/ arquivo de vinte e seis armas. Estas com o único objetivo de combater a "Coisa". Idealizeia-as para que de forma individual e coletiva fossem utilizadas uma única vez, apenas com uma função e um momento específico de utilização. Inciando-se assim, o desejo de destruição da "Coisa".

## A luz continua apagada

Construí um arquivo de armas.  
Cada uma delas, com toda a pior carga emocional sentida

naquele momento.  
Cada uma delas,

com todo um sentimento de esperança,  
quase ritualístico,  
como um conjunto de preces,  
uma coleção de desejos,  
afirmações e péssimos estados de espírito.

Objetos que podem realmente ferir, se essa for a intenção.  
Vejo-os e sinto-os com uma carga energética muito austera,

fria...  
A sua presença.  
Não precisam de ser enunciados, para que criem um impasse...





## Materialização de um recetor indisponível

Pedra preciosa. Um presente, como comprovativo de memória;  
Frasco de Vidro;  
Ornamento para iluminação artificial;  
Aglumerado de MDF;  
10 x 7 x 7 cm



## Planeamento para a Destruição da Coisa

Aglomerado de MDF;  
Espuma de poliuretano;  
Ramo de árvore;  
Vernizes.  
17,5 x 22 x 17 cm







## Construção das armas

Este gesto surge de uma necessidade de procurar um objeto que me ofereça proteção, mesmo que esta seja única e simplesmente simbólica. Assim como materializar uma revolta, deixando-me habilitado a enfrentá-la.

Surge como consequência de um mau estado de espírito, como uma terapia, onde o momento de construção se torna no momento de reflexão, quase como uma fuga do pensamento.

*"Estou de péssimo humor, vou construir uma arma."*





Como?

Não planeio a arma que vou construir, nem sequer quando o irei fazer. Uso apenas a intuição como estímulo para que estes objetos comecem a surgir. Recorro maioritariamente ao uso de madeiras, metais e barro, no entanto, numa fase final deste arquivo, o vidro foi também uma matéria utilizada.

A procura pela forma, surge através do processo de construção, onde maioritariamente recorro ao torno, o que requer um envolvimento corporal e cíclico, como um *loop* que constrói o objeto, quase um método de isolamento industrial, diria.

Uma vez que estas armas só serão utilizadas por mim, há uma procura pela forma que acaba em concordância com os volumes dos meus braços e das minhas mãos, funcionando como possíveis extensões do meu próprio corpo. O que resulta numa aproximação ao orgânico, ao natural e à fluidez rígida do seu movimento numa tentativa de aproximação ao estado de espírito.

O processo de construção intuitivo destas armas não depende de um saber técnico, nem tão pouco da sua utilização. Existe um aspeto místico na forma como me relaciono fisicamente e psicologicamente com cada uma das armas. Quase como se cada uma tivesse a sua própria energia, quase como se cada uma delas tivesse o seu poder, este sempre simbólico. No entanto, resultam numa resposta física de mim para mim mesmo.

Cada arma foi construída de uma só vez, sem testes, sem experiências e só quando terminada é que inicio a construção da arma seguinte.

## O agora ocupa-me o pensamento

O processo inicia-se com a escolha do material e a partir desse momento cria-se uma desconexão com o meio envolvente.

Apesar das tentativas de compreensão à cerca do que se está a passar na minha mente durante a construção das armas, o fascínio pelo processo funciona como um momento de isolamento, onde a reflexão atinge lugares inatingíveis, quase como um sonho, por vezes não sei onde me encontro.

Este "agora", apesar de nunca cronometrado, pode durar horas, sem sequer me aperceber realmente de que o tempo está a passar.

Um momento em que só existo eu, uma matéria e um motor. Um momento em que permito que o gesto se manifeste na forma, que por sua vez traduz o pensamento, por muito que eu já não saiba o que estou a pensar.

Posso refletir à cerca do carácter contemplativo da ação, uma vez que observo o gesto em concordância com a forma. No entanto, cada arma manifesta registos de delicadeza e até mesmo fragilidade. Apesar da sua intenção dar indícios de uma impaciência, ou até mesmo de uma descarga de energia, incorporam uma enorme força que poderá ser considerada útil para quem pretende lutar contra o desconhecido. Apresentam-se como objetos frágeis e leves, no entanto o seu processo não se traduz nessa calma e cuidado, muito pelo contrário. O que me faz pensar que na construção das armas dedico muito mais tempo e energia, do que dispenso na sua utilização. O processo construtivo destes instrumentos, tornou-se o início da minha batalha. O fazer, criar e produzir estas extensões do corpo assumem-se como elementos de um arquivo.

## Ensaio para suspensão

Pêndulo em cerâmica;  
Vidrados;  
Madeira de pinho.  
7 x 14,5 x 6 cm







## Arquivar arquivos

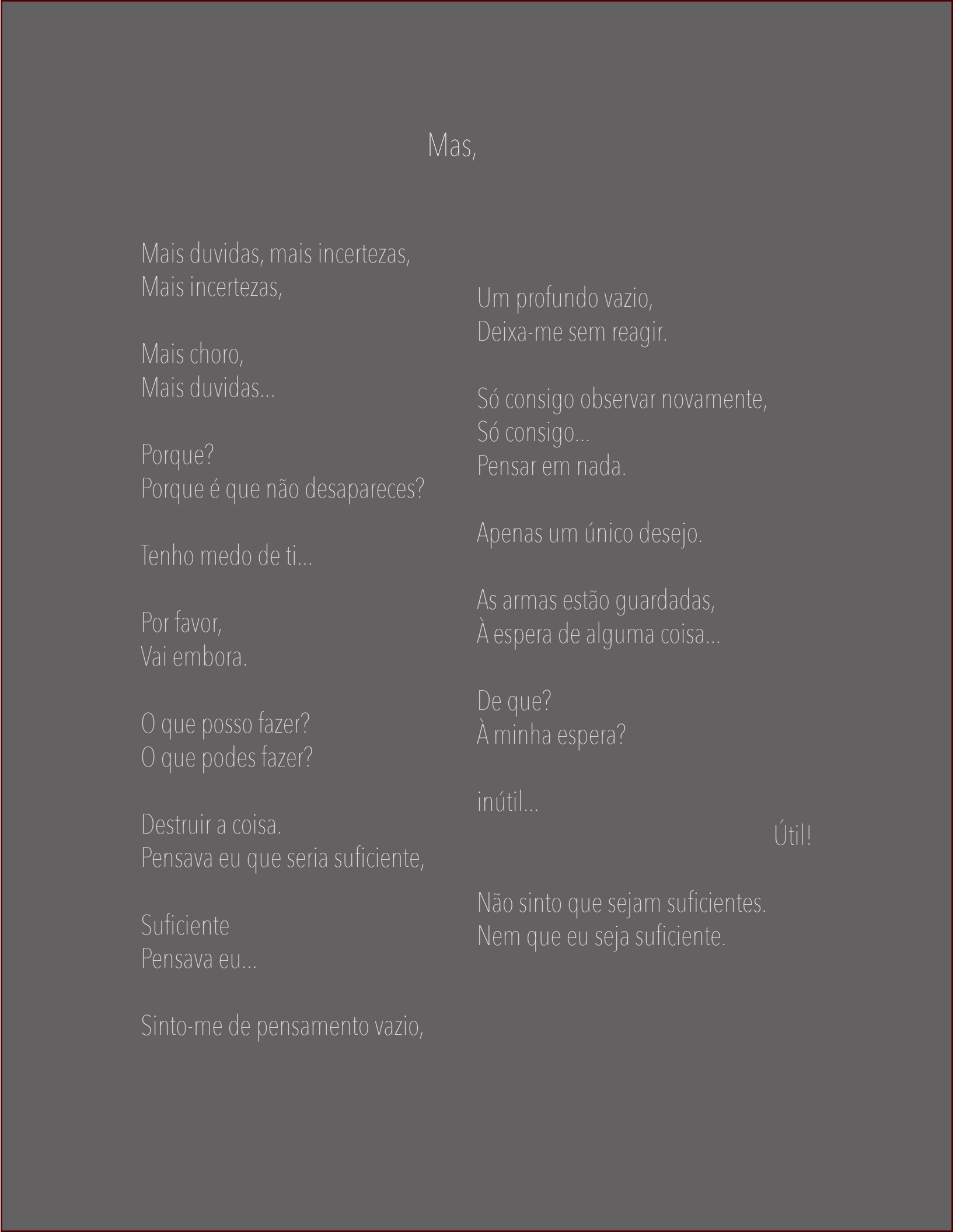
Começam a surgir questões relacionadas com a ideia de arquivo e principalmente com o motivo deste surgir.

*“Sinto-me seguro agora?”*

A necessidade de não ter só uma, mas um número indefinido de armas, possibilita-me uma sensação de segurança e sobretudo de capacidade. O que me faz pensar à cerca da forma como as armas aguardam pelo momento em que vão entrar em ação, um momento de repouso em que cada uma vai para a sua caixa à espera da sua ativação. Da mesma forma que eu aguardo pelo mesmo momento, não sabendo quando, nem onde.

Assumo que cada arma terá a caixa que lhe pertence, todas elas sem tampa, como um indício de possibilidade. Não poderia encerrar os meus utensílios sobre si mesmos, nem sequer podia separá-los de mim, com uma simples tampa. Interessa-me a ideia de disponibilidade e fácil acesso, uma vez que a necessidade de utilização pode surgir a qualquer momento. Enalteço cada arma dando-lhe um nome e um lugar onde podem permanecer, antes e após a sua única função. O ato de nomear surge intuitivamente, como uma consequência da conexão e envolvimento com estes objetos, numa procura pela personalidade individual que lhes atribuo. Numa tentativa de afirmação que me permitiu uma nova observação e pensamento sobre cada uma delas.

Cada uma no seu lugar,  
com o seu nome,  
com o seu poder,  
disponíveis,  
adormecidas,  
em espera.





## Teste para Amuleto

Aço;  
Fio norte.  
Aproximadamente 2cm



## Pequenas precauções

À medida que o processo vai avançando, começo a questionar-me sobre a insuficiência da construção de armas. O que me leva à conclusão que não consigo combater a “Coisa” única e simplesmente com armas. É inútil...

Não sabendo muito bem porquê, sinto que uma coleção de armas não seria suficiente, nem a força humana, nem a espera, nem sequer os recursos.

Como posso combater se a minha presença nesta batalha é inútil?

Após esta questão, há um momento de silêncio da minha parte, há um momento de revolta e necessidade de a exteriorizar, em silêncio, como uma ausência presente. Um momento de pura observação de objetos que, pensava eu, me iriam ajudar em alguma coisa.



Num dia qualquer de um estado crescente da lua, recebi um presente muito especial, intitulado de amuleto da sorte.

O meu primeiro amuleto da sorte.

Não foi possível esquecer estas palavras, nem o gesto, nem o próprio objeto.

Naquele momento, fui a correr para casa, coloquei-o na Oliveira do meu jardim e ali ficou...

*"Isto é para ti,  
tens de o manter sempre ao sol,  
perto de ti.  
Espera e verás!"*



Esta ação despoletou uma pequena dúvida e curiosidade à cerca da eficácia de um amuleto. Será que resulta? Como?

Pesquisei sobre objetos e simbolismos, os meus objetos e os meus simbolismos. Dei início à recolha de objetos que já tinha adquirido, em tempos, perdidos pelas gavetas, perdidos por aí, até mesmo perdidos no meu pensamento.

Comecei a construir os meus próprios amuletos, mais uma vez, como símbolo de força, de luta e também de proteção ou prece.

Estes começam a apresentar-se com diversos materiais, desde cordão, madeira, barro, metal, pedras, vidros... Até o meu próprio dente do siso, tornando-se o único objeto que me foi realmente retirado, arrancado, regressando à minha posse. Nada melhor que um pequeno sacrifício de algo que me é precioso, como uma pequena parte de mim, um dente, um símbolo da minha entrega.

Fiquei surpreendido com a quantidade de objetos que encontrei e construí, poderia usá-los a todos como auxílio para esta batalha.

Recorri ao mesmo método do torno, em alguns casos, noutros o movimento circular e a própria forma começaram a criar uma pequena ideologia que me remete automaticamente ao ritual, desenvolvendo uma pequena obsessão curiosa por este campo.

No entanto, intuitivamente senti que não seria a quantidade que me faria sentir mais capaz para combater, mas sim os amuletos certos, os objetos específicos que me dizem alguma coisa, que funcionam como lembrete daquilo que já não está fresco na memória. Apercebi-me que a eficácia só se aplica a alguns deles, o que me fez descartar todos os outros, não sendo mais necessários para esta batalha, nem para mim.

Vejo-os como pequenos objetos que me poderiam acompanhar sempre, se realmente fosse essa a minha intenção, a escala tornou-se uma regra nesta fase de produção, não podendo nunca ser maiores do que a palma da mão.

Vejo-os também como materializações de memórias, de pequenas histórias que, de uma forma ou de outra, foram muito relevantes para mim, contribuindo para a minha forma de pensar e agir neste agora.

Nesta fase, o meu pensamento é ocupado com inúmeros momentos de dúvida em relação à essência destes pequenos objetos, à possibilidade de conterem energia ou até mesmo magia, que eu lhes possa transmitir ou aplicar. Apercebi-me, desde início, que não poderia utilizar qualquer objeto como amuleto, nem todos o podem ser, simplesmente porque não sinto qualquer afeto por eles. Mais uma vez, surge a questão do poder simbólico que lhes atribuo. Mas ao mesmo tempo questiono-me se sou eu que lhes atribuo alguma coisa, ou são eles que se apoderam de mim através das minhas memórias?

Serão estes objetos materializações de vários agoras?





## Os dez amuletos

Barro;  
Madeira;  
Dente do siso;  
Aço;  
Metais oxidados;  
Anel;  
Frascos de vidro;  
Fio ;  
Cordão;  
20 x 40 x 11 cm

## Pequenos e fáceis

Sempre,  
desde sempre,

Acho que fui um menino que viveu dentro do seu mundo.  
Sempre consegui manipulá-lo,  
alterá-lo,

Sempre me vi a brincar com pequenas histórias.  
Criá-las,

Sempre com objetos,  
Engraçada a questão da escala...

Sempre me fascinei com proporções.

Pequenos, fáceis de manipular,  
Fáceis de falar,  
Fáceis de guardar.

Sempre falei com

e por vocês.  
Sempre...

Contei histórias a mim mesmo,

Tentava que fossem algo  
de mim, para mim...

Imagino,  
continuo a ver,

vejo,  
e continuo a ver.

São, talvez, imagens que surgem a partir de outras,

questões ou pensamentos,

desejos.

Se calhar porque me foco demasiado neles...  
Não sei bem porque,

sempre as quis entender de outra forma que não só aquela.

Acho que ainda acredito em magia,  
Já o disse?

## Esboço sobre magia

Sete indicadores em gesso;  
Parte de um objeto em vidro, encontrado por ai;  
16 x 11 x 14 cm





Ensaio sobre o silêncio

Cerâmica;  
Vidrados;  
Linha;  
Madeira de pinho.  
8 x 16 x 6 cm

## Manipular movimento

Sinto imensa necessidade de registrar,  
algo. De alguma forma...

Não com o objetivo de ver mais tarde.

Não sei muito bem porque,  
mas sinto que tenho de retirar,

Ou pelo menos tentar,  
Alguma coisa, de algum lugar.  
Para que se torne meu,

algo que não consigo deixar de pensar.

Como uma espécie de memória,

Deixam de ser aquilo são,  
são outra coisa agora.

Não é, nem poderá ser mais aquilo que presenciei,  
Ou parte disso.

Principalmente por se tornarem noutras Coisas,  
Fascinam-me,  
Permitem-me colocá-los num pedestal,

Por muito que este não exista.

Inconscientemente,  
Algo nestas coisas se apodera de mim.





Tentativa de adivinhação

Cerâmica;  
Bola de cristal;  
24 x 10 x 20 cm

## O silêncio que despoleta

Questiono-me sobre a utilidade destas coleções, o que resulta num auto questionamento, uma enorme dúvida e frustração pela ausência de respostas.

A espera torna-se eterna nesta fase, a construção de arquivos não está a ajudar em nada no meu processo de proteção, começo a revoltar-me com o momento estático em que me encontro. Sinto necessidade de ocupar o lugar das armas, por estarem adormecidas, em espera, noutro lugar, e, por outro lado apetece-me incorporar a sua função, agir. O corpo como arma, que pode destruir, ou então não. Penso que esta vontade poderia surgir como um gesto, a apresentação de um momento que reflita essa ação mental.

O que é que posso partir? Tudo?

Consciente de que a espontaneidade só poderia ocorrer na minha imaginação, este gesto teria de ser planeado, organizado e agendado. Senti necessidade de projetar um momento em que a exteriorização funciona como um pequeno ritual, na esperança de me sentir minimamente melhor depois de partir alguma coisa.

## O porquê

Apercebo-me de que nada mudou desde o início da batalha, tudo continua igual. Passados meses, a "Coisa" continua ali, eu continuo aqui a construir armas e amuletos inúteis, a pensar sobre rituais, sobre máscaras, sobre a bola de cristal, a observar os estados da lua, à espera...

Não me agradou esta postura, o que me faz projetar um pequeno grupo de objetos, todos iguais, guardados, disponíveis, só para mim. Esses mesmos objetos seriam o elemento receptor da minha revolta, na tentativa de a extrair de mim, aplicando-a num objeto, registando-o, esvaziando a minha mente, exteriorizando a necessidade de destruir tudo o que esta à minha volta.

Este momento assume-se como autorrepresentativo daquele agora, uma coleção de gestos aplicados a uma coleção de objetos.

Apesar de um bem estar em relação à ação e de um alívio momentâneo na manifestação, a revolta mantém-se e a necessidade exteriorização também. O pequeno gesto foi gratificante no preciso agora da ação, quando terminada, tudo voltou. Questionei-me sobre como esse alívio poderia ser prolongado, como poderia prolongar um agora de forma a que não se torna-se mais uma memória, uma constante reflexão do agora que já passou.

Concluí que teria de aumentar a dimensão dos objetos, pois o meu pensamento negativo não era equivalente à escala dos pauzinhos partidos, nem sequer à escala do baú. Procurei a tradução de revolta que mais se identificasse com o agora. Como é que eu vou destruir alguma coisa?

Pensei na questão literal de ampliação, teria de partir objetos maiores do que eu, o que só resultaria na ausência do meu gesto, pelas questões óbvias da escala e força. No entanto, surge a questão de interesse, qual seria verdadeiramente o meu interesse neste objeto/ação? Exteriorizar fisicamente um gesto bruto, tendo o meu corpo como ponto de partida? Ou exteriorizar o meu processo mental?



# Exercício sobre o gesto intuitivo

200 Paus;  
Baú.  
32 x 11 x 23 cm





Entendi que não procurava testar a minha força física, mas sim representar essa necessidade, fingi-la, destruir tudo, sem tocar em nada, como um sonho, como um poder.

Visualizei um momento, imaginei-o também como um percurso, o literal percurso onde me encontro, olho a minha volta, tudo está destruído, fui eu, continuo revoltado por tudo se manter da mesma forma...

Refletindo sobre o meu percurso, não serei eu também um objeto que quebrou? Não será a "Coisa" um objeto que me quebra? Não somos o mesmo? Continuamos de pé.

Não posso mais representar paus partidos no chão, caídos, guardados, não seria fiel a mim mesmo se o fizesse. Pensei que a verticalidade poderia funcionar como tentativa de erguer o ego, o meu, o de muitos outros. Será um pequeno percurso um sinónimo de uma fase?

*"Vou destruir coisas"*





## Dei início à manifestação do silêncio

Numa serração que me é familiar, existem inúmeros barrotes de madeira, utilizados como suporte para empilhar as massivas quantidades de matéria pronta a utilizar, sendo estes barrotes fundamentais para a organização do espaço. Achei curiosa a ideia de destruir suportes, destruir apoios para que tudo se desmorone, era precisamente esse o meu objetivo.

Foi-me cedida a permissão para utilizar barrotes de madeira, com dois metros e setenta de altura. Quando os vi, senti o seu descrédito manifestado pela forma como estavam posicionados, eram vistos como desperdícios, como barrotes inúteis, que já não serviam por estarem a apodrecer ao sol e à chuva, estavam a enfraquecer, a perder a sua função.

Foi necessário um processo de espera de uma semana, pois os barrotes precisavam de ir para uma estufa, com objetivo de secagem para que pudessem voltar a ser utilizados. Encontrava-me num momento em que já não conseguia aguardar mais, a necessidade de exteriorização estava a alimentar-se sobre si mesma. A impossibilidade de ação rápida e intuitiva traduziu-se numa ansia pela reflexão, quase ritualística, estava a consumir-me o agora, no entanto teria de aguardar pelo momento certo.








## A Força, como símbolo de força

Nunca conseguiria partir barrotes com o dobro do meu tamanho utilizando a força física, recorri a dois empilhadores, precisamente pela função que ocupam numa serração de madeiras. Os dentes utilizados para carregar e empilhar funcionaram como mãos, como método de ampliação para partir os barrotes ao meio. O processo de quebra, foi gratificante pela contemplação do agora. Ampliando a força e a forma, tudo pareceu simples e leve, um a um, os barrotes foram-se partindo ao meio, tal como os pauzinhos que parti, para guardar no baú.





Dou por mim num momento  
em que tudo se mantém estático

Madeira de pinho,  
Platex folhado a wengue  
210 x 210 x 179 cm  
oMuseu,  
FBAUP, 2018

## Construção do momento estático

Para que os barrotes se mantivessem sempre em pé, tive de projetar uma base, essa que funciona como um segundo chão, o que inevitavelmente cria a sensação de delimitação de um espaço. A disposição dos barrotes pela base foi algo intuitivo, com a única regra de que teria de haver a ideia de percurso, uma passagem. Para a base assumi um formato quadrado de trinta centímetros por trinta, onde foram aplicados os barrotes, maioritariamente quatro por cada base, as alturas dos barrotes oscilam sem ordem definida.

A fixação dos barrotes à base tornou-se mais um momento ritualístico de produção, um a um foram aparafusados, refletindo a ideia de quase industrial e, ao mesmo tempo, um envolvimento quase hipnotizante e até exaustivo.

O percurso não poderia ser algo linear, nem de simples passagem, procurei pela dificuldade e sensação de atenção, numa tentativa de transmissão de um receio, quase como uma provocação. Onde se torna disponível a passagem por um agora passado. Possibilito assim uma materialização de uma vontade, traduzida por um percurso, quase como um labirinto, uma floresta, um caos organizado. Sendo a encenação de um momento estático, a iluminação torna-se fundamental para a representação de uma manifestação silenciosa. Foi pensada a iluminação direcionada, que permitia uma chamada de atenção às duas entradas do percurso, o que inevitavelmente provocava uma expansão das sombras dos barrotes para fora das delimitações do objeto, o que possibilita uma ideia de teatralidade do momento materializado.





## Suposição de viagem

Cerâmica;  
Vidrados;  
9 x 6,5 x 11 cm



Começam a surgir questões em torno da manifestação silenciosa, de que forma o silêncio se pode tornar uma camuflagem, de que forma é que esta camuflagem poderá ser materializada.

A investigação sobre instinto revelou uma necessidade de representação de expressões, sentimentos e estados de espírito. Esta manifesta-se através da construção de máscaras, o que me faz pensar num retorno ao campo ritualístico e tribal, assim como nos simbolismos que podem ser atribuídos à expressão facial. A representação de objetos que permitem a camuflagem surge como um método de proteção, aproximado ao simbolismo dos amuletos e das armas, refletem a presença do primitivo, talvez como extensões materiais do próprio estado de espírito. No entanto, a máscara tornou-se num pensamento passageiro, uma vez que não me interessava a ideia de um objeto que pudesse ser utilizado e incorporado por qualquer pessoa, nem sequer a possibilidade de transferência de uma expressão. Trata-se do meu pensamento, das minhas emoções, dos meus desejos, isso não é transmissível.

No desenrolar desta reflexão, surge a ideia de cabeça, que por si só, representa e contém a ausência de um corpo, um símbolo do intelecto, a parte mais elevada do corpo, sendo o núcleo de todas as funções cognitivas, assim como a presença da expressão facial, o espelho do intuitivo.



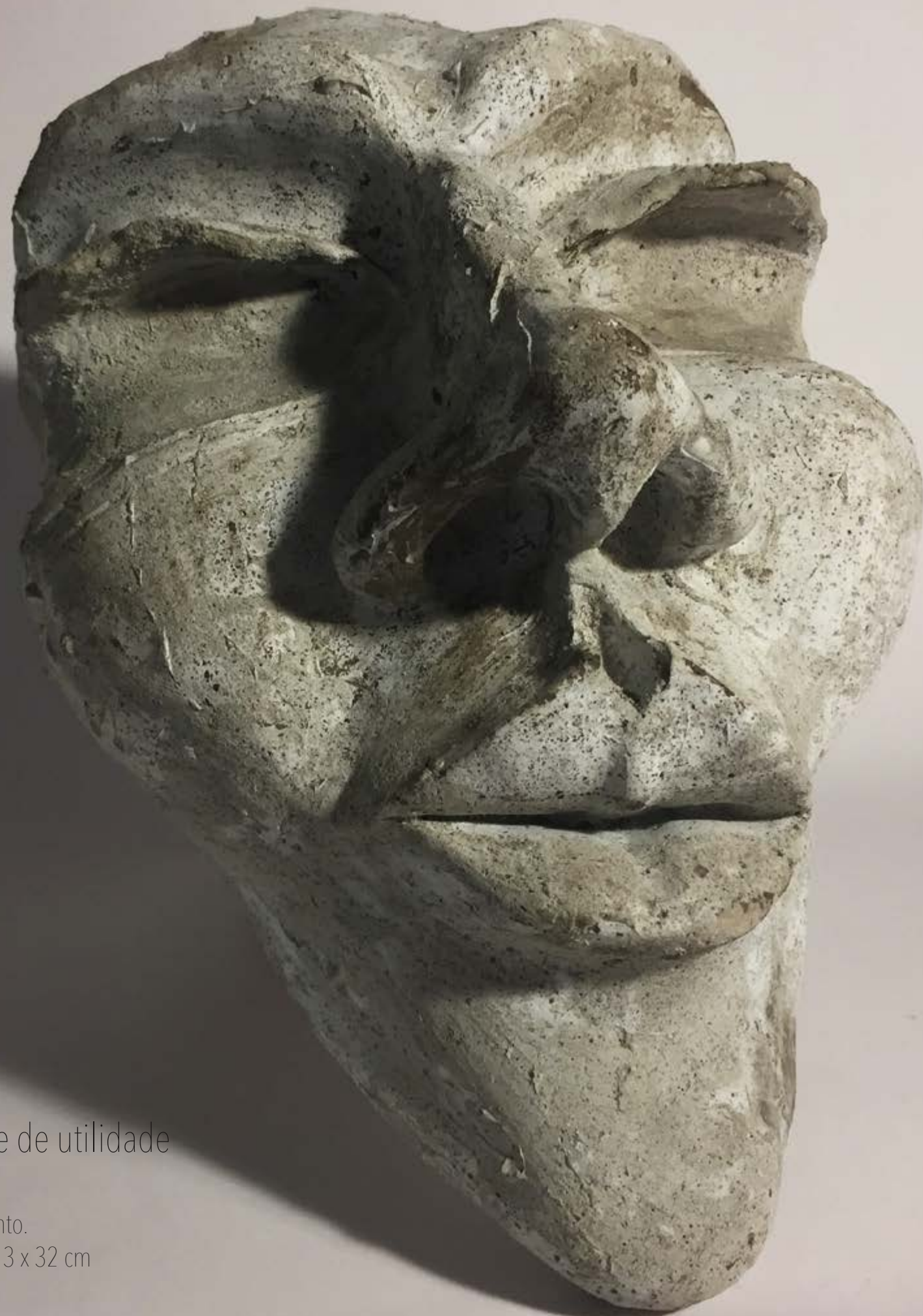
Silêncio numa caixinha,  
pronto a oferecer

Cerâmica;  
Corda;  
Cartão.  
7,5 x 3 x 12 cm



Teste de utilidade

Cimento.  
20 x 13 x 32 cm





A procura pela representação de estados surge pela vontade de viagem para um lugar onde os desejos se tornam realidade, um lugar onde não é preciso lutar, um lugar como o sonho, comum a todos nós, apesar de só o conseguirmos alcançar individualmente.

O sonho revelou-se um local onde a "Coisa" não consegue aceder, onde não preciso mais de combater contra ela.

O sono tornou-se o meio de transporte para o lugar onde me sinto realmente protegido, ausente desta batalha.

O sonho e representação de ausências, fez-me questionar sobre a forma como estes são apresentados, como se manifestam. Não me interessa a ideia de uma representação à escala real, mas sim a ideia de apontamento, de pequenos objetos, que não excedem o tamanho da mão, assumindo quase uma posição ritualística, assemelham-se a objetos usados para ritos experimentais.

Estas reflexões começam a despoletar curiosidade no campo tribal, o que consequentemente, faz com que haja permissão para intuíto se manifestar, mais uma vez.

## Observo-me, obsessivamente

Barro;  
Madeira de pinho;  
Espelhos;  
Contraplacado.  
15 x 23 x 25 cm





## O momento da máscara

Barro;  
Vernizes;  
Contraplacado;  
Ornamento para iluminação artificial.  
30 x 12 x 30 cm



As representações de ausências revelam traços acentuados nas feições do rosto, esses que surgem sem qualquer referente, apenas com o objetivo visível de que aqueles “seres” não se encontrem ali, mas sim num sonho, noutro local, tornando-se presente a disfunção dos sentidos. A ausência de visão, a impossibilidade de audição, fala e movimento são os aspetos que mais pretendo salientar nestes pequenos objetos, tornando-se, para mim, características físicas inevitáveis numa viagem ao sonho.

Entre elas, manifestam traços fisionómicos muito semelhantes, talvez porque cada uma seja um fruto da memória, não sabendo eu qual. Achei curiosa a questão das aproximações físicas, funcionam quase como uma família de pensamentos. Numa observação e pensamento quase obsessivo destes objetos, apercebi-me de que as feições me remetem a um registo primitivo, talvez tribal ou até mesmo a uma cultura africana completamente desconhecida para mim.

Estará a linguagem intuitiva a permitir-me uma viagem física a algum lugar?

Estarei a transportar registos de um subconsciente desconhecido para o mundo real, através dos meus objetos de defesa?

De onde vêm estes seres?

Estarão a querer dizer-me alguma coisa, com a sua ausência?

Apesar da intenção representativa, vejo-os como objetos exteriores a mim e a eles mesmos, observo-os sempre como um outro, não sei realmente quais são os seus sonhos, nem sequer onde estão agora.

Comecei a pensar nestes objetos como permissões de acesso ao sonho, atribuindo-lhes esse poder simbólico de possibilidade fuga, os cobardes sonhadores.

## Máscara caída

Cerâmica;  
Vidrados;  
Madeira de pinho;  
6 x 16 x 7 cm



# Um falso alívio

Barro;  
Vernizes;  
Choupo;  
Vidro.  
13 x 15 x 17,5 cm





Ausência de expressão

Madeira de pinho.  
11 x 27 x 9 cm



Ilha para onde irei, um dia

Vidro;  
Mármore;  
Chapa.  
15 x 27 x 15 cm



O sonho como lugar,  
um pequeno castelo onde posso habitar

Cerâmica, vidrados;  
Madeira de pinho.  
20 x 13 x 20 cm











Apressadamente, trouxe-as de um sonho

Cerâmica: representação de pedras que apanhei enquanto sonhava.

Vidrados;

Frasco de Vidro.

8,5 x 8,5 x 8,5 cm





## Sobre o Ego



Questiono-me sobre o meu reflexo e a inutilidade do objeto que o proporciona. De que me vale o precioso momento de vaidade hipnotizante? É tudo uma ilusão, nada refletido está realmente ali.

Volto a aperceber-me do estado da “Coisa”, ela continua ali enquanto me observo obsessivamente ao espelho. Este momento revela-se inquietante no que diz respeito ao valor atribuído àquilo que me rodeia, nomeadamente a objetos que me permitem observar-me. Olhando para trás, apercebo-me de que tenho vindo a desenvolver uma pequeno fascínio por espelhos, iniciei uma pequena coleção de espelhos, sem me aperceber. Não pela questão inevitável do reflexo da vaidade, mas sim pelos objetos em si, por serem únicos na sua função de nos aproximar visualmente à nossa própria imagem. Mostrando o rosto de quem o observa.

Considerei inúteis todos os momentos passados em frente a uma superfície que, simplesmente não passa de uma superfície. O que me fez refletir sobre a minha postura em relação à “Coisa”, o espelho manifesta-se como barreira de impedimento, como uma prisão viciante que não me permite avançar.

Num momento de observação, questionei-me se alguém me estaria a ouvir, além de mim mesmo que me encontrava à minha frente. Fi-lo em voz alta, para ter a certeza de que poderia obter alguma resposta de um possível terceiro, ou muito provavelmente não.

É claro que o silêncio se manifestou com a maior das intensidades, o que me levou a uma profunda e rápida retrospectiva da minha batalha, toda a insuficiência das minhas extensões corporais e emocionais. Senti-me sozinho, à minha frente, senti um enorme vazio e sobretudo ausência de pensamentos lógicos, enquanto tentava procurar-me através de mim mesmo.

Algo me fez pensar que precisava de um exército, precisava de criar um exército que me apoiasse nesta batalha.

No entanto, após este pensamento, decidi fechar os olhos, baixar a cabeça e questionar-me sobre tudo aquilo que não pode ser mais uma distração nesta batalha. Respirei fundo antes de me voltar a encarar.

Volto a olhar-me, de uma forma tão lenta e penetrante que me senti intimidado.

“Ofereço tudo isto, dispo-me de qualquer máscara ou elemento que me permita esconder.  
Leva-me o cabelo, leva-me a pele.  
Só desejo a destruição da “Coisa”.”



# Pequeno exército

Gesso;  
Cimento;  
Dimensões variáveis.





Nesta altura, seria inquestionável a oferta da minha vaidade a uma entidade que me pudesse estar a ouvir, até porque não tenho qualquer tipo de crença em algum ser divino. No entanto, esta manifestação para com o meu reflexo deixou-me a pensar nas minhas próprias palavras.

O que me fez questionar toda a utilidade destes objetos e caprichos que apenas me fazem distanciar da tão genuína intuição que procurava.

A partir desta decisão, o objeto espelho é abandonado desta batalha, não poderá mais voltar a ser usado como meu aliado, tornou-se um escudo de auto questionamento, um adversário, e eu não posso questionar-me mais... chegou o momento em que o gesto se revela a forma mais útil e eficaz para combater.

Uma vez que me procuro no meio de uma luta contra o desconhecido e acabei de perder um aliado nesta batalha, surge as questões "porque não tornar-me num objeto?", "para que é que preciso de espelhos?"

Estas questões começam a relacionar-se com a ideia da representação de pequenas cabeças, o que me faz repensar sobre a minha ideologia à cerca da escala destas, assim como a forma como as vejo, como outros. Decidi fazer um molde da minha própria cabeça, com objetivo de substituir o único objeto que foi realmente rejeitado.

A minha cabeça surgiria como uma presença física, o meu eu não seria mais uma imagem.

No momento de realização do molde, eu, enquanto objeto, teria de ficar imóvel durante o processo de leitura, não sendo possível prever uma duração específica. Seria um exercício completamente novo para mim, uma nova experiência num campo desconhecido.



## As quatro horas de ausência

- *Tens de estar calmo e sobretudo confiar em mim ok?*
- *Ok.*
- *Estas preparado?*
- *Sim!*
- *Vou então começar, a partir de agora não podes mexer-te mais.*
- *Qualquer coisa diz, que paramos.*
- *Mm mm!*

(....)

- *vou tapar-te os ouvidos, pode ser estranho no início, mas relaxa.*
- *Ok*

Estava imóvel, até que o silicone (matéria utilizada para a realização do molde) me impede de ouvir com clareza. um enorme zumbido começa a surgir, o som apaga-se, deixei de ouvir.

- *vou passar agora para a boca e nariz está bem?*
- *Consegues ouvir?*

Sem ouvir, apenas conseguia mexer os olhos para observar o que se passava à minha volta, ainda podia falar, até que o silicone me impede de o fazer, não poderei mais mexer a boca, não poderei mais falar nem ouvir, continuo apenas a observar, estático, enquanto a minha cabeça se vai cobrindo.

- *agora já só faltam os olhos, não te assustes, qualquer coisa nós estamos aqui, faz gestos com as mãos para saber se esta tudo bem!*
- *Percebeste?*  
*Ouviste?*

Neste momento, senti-me completamente desconectado daquele momento, tinha atingido todas as condições necessárias para viajar lucidamente até ao sonho.

Nunca conseguirei descrever este momento, foi algo viciante, permitiu-me física e psicologicamente um fechar sobre mim mesmo, em quatro horas, estive lá, naquele lugar tão desejado, no entanto, a presença do negro lúcido não me permitia mais ver, apenas viajar através do silêncio das minhas palavras imaginadas.

E ali fiquei, sem sequer planejar esta experiência, o processo de transformação em objeto revelou-me uma possibilidade sensorial que procurava nas minhas representações de ausência, consegui viajar até ao local onde se encontram. Consegui fingir um sonho, viajei por entre o negro até ao lugar que tanto procurava, apenas com o objetivo de me encontrar posteriormente enquanto objeto, um outro eu.

Passadas quatro horas, o molde estava pronto, estava na hora de regressar, de sair do casulo, desembarcar no real.

O molde foi retirado em poucos minutos, havendo um único problema.

- *O cabelo ficou preso!*





## A oferenda

O momento de procura pelo terceiro eu, remeteu-me à ideia de divindade a quem se pedem desejos, a quem se fazem promessas, em quem se crê. O que me fez questionar qual seria o meu gesto em relação às minhas próprias palavras, associado a uma inquietação que simplesmente se mantém e prolonga.

O que poderia fazer mais?

Só se pode combater o desconhecido, através do desconhecido.

Não tenho qualquer tipo de crença religiosa, no entanto este momento fez-me pensar que talvez o simples ato de acreditar fosse o melhor caminho a seguir.

Decido então fazer a minha parte, neste compromisso com o desconhecido.

Leva-me o cabelo, leva-me a pele.

Após uma longa pesquisa sobre como requisitar desejos a possíveis divindades, apercebo-me da questão do ex-voto e da oferenda de partes do corpo como símbolo de entrega e compromisso. O ato de entrega, como um pré-pagamento, uma vez que o desejo até então não teria sido suficiente.

Após alguns exercícios de representação em gesso e cimento, inicio o processo de construção de um grupo, um grupo de "eus", um pequeno exército de dez cabeças em cera, com o simples objetivo de tentar materializar o meu compromisso para com o meu reflexo.

Foram-me cedidos dois enormes sacos cheios de velas recolhidas em cemitérios, velas usadas, queimadas e abandonadas. Estes desperdícios seriam usados para dar forma a novas velas, prontas para serem acesas novamente, como símbolo de elevação espiritual.

Os sacos continham velas com a maior variedade de formas, cores e texturas. O que me fez pensar se existiam algumas simbologias associadas a estas características.







No processo construção das representações, apercebi-me de que através das tonalidades que as velas continham conseguiria aproximar-me cromaticamente à questão “leva-me o cabelo, leva-me a pele”, a ideia desta ter sido arrancada, uma reaproximação ao carnal. Achei curioso o processo de realização, uma vez que cada cabeça foi feita por camadas do exterior até ao interior, cada camada contendo uma cor diferente, anunciando posteriormente a ideia de osso e músculo em vários estados de decomposição.

Como simbologia de uma frustração, de um ato de retirar camadas numa procura pelo interior. O arrancar da pele como materialização de um compromisso.

Vou arrancar a minha vaidade e todas as simbologias associadas a ela.

Estas reflexões deram origem a um exército de dez esfolados, viajantes permanentes do sonho. Impossibilitadas de ouvir, ver, falar e mover, as representações de ausência estão prontas para a oferenda.

A coleção de “Eus” deu origem a apresentação de um trabalho nos jardins da Casa das Artes, no Porto. No momento de montagem apenas me surgiram questões relacionadas com “se eu fosse um Deus, como gostaria de receber uma oferenda?”. Não consegui obter respostas a estas questões, no entanto associei essa ideologia a algo que realmente me fascina, as árvores. Não poderia esquecer-me de que estava num jardim, seria o local ideal para fazer uma oferenda à única divindade em que acredito, à natureza.

As dez cabeças surgem associadas a uma das maiores árvores daquele jardim, dispostas de um modo intuitivo, incitando a ideia de uma reunião, um caminho, um ritual, de uma espécie de elevação e sobretudo entrega. Foram colocadas sobre estacas de ferro, espetadas no chão, estas também como um símbolo de uma imposição, onde o gesto bruto foi necessário para as cravar sobre a relva. A ideia de sonho como suspensão foi reforçada com o facto das cabeças balançarem com a força do vento. Não estavam assim tão estáticas e impossibilitadas, qualquer coisa ali lhes dava outra vida, apesar de apenas representarem estados de ausência.







## A reunião

Um momento de silêncio,  
Um momento de reflexão e ausência.  
Quase como uma oferenda, o Eu torna-se uma extensão material.  
Todas as representações se unem numa viagem ao subconsciente,  
Onde permanecem...  
Um momento em que todos os sentidos foram apagados,  
Quase como uma desconexão com o real.  
Onde estão todos eles?  
Quase como um sonho, um permanente retiro.

Casa das Artes,  
Porto, 2018





Eu cubro-te, tu cobres-me.  
Não vou falar sobre o que aconteceu ali.

Após “A reunião”, ponderei aumentar o meu pequeno exército, numa tentativa de prolongar a ideia de oferenda. Mais cabeças seriam acrescentadas de uma forma irregular e sem número definido, como aparições. No entanto surge a oportunidade de apresentação de trabalho nos Maus Hábitos. Nesse momento abandonei o meu exército, entreguei-o e não o vi mais durante um mês e meio. Enquanto refletia sobre o que poderia apresentar, comprometi-me a realizar dois exercícios, talvez duas performances... Seria o momento ideal para destruir a “Coisa”. No entanto a questão de encobrir ausências - já que esta oportunidade de apresentar o meu trabalho nos Maus Hábitos surge porque houve uma falha na programação - fez-me refletir sobre como poderia dar a volta ao facto de não ter terminado a intensão de aumentar o exército. Comecei a pensar sobre o que seria realmente uma representação de uma ausência, como materializar esta circunstância e como me represento a encobri-la.

Esta reflexão fez-me entender que uma estaca sem cabeça é uma literal ausência de cabeça.

O que me fez projetar uma ação quase irónica, uma vez que estou a encobrir uma falha de um outro, talvez a minha também.

Projetei um momento em que apresento ausências e as encubro, numa procura pelo gesto repetitivo e pelo entendimento de como se deve agir, perante outros. Seria a minha primeira performance. Não fazia ideia qual a postura que deveria adoptar para uma ação, comecei a pesquisar sobre boas maneiras e a aperceber-me de que o movimento corporal é fundamental na relação com o outro, na forma como ele me vê e na forma como transmito a minha mensagem.

Estando os Maus Hábitos também relacionados com a área da restauração, há um pequeno encontro de memórias que me levam à minha infância, onde participava de uma forma bastante presente na organização de eventos e cerimónias de celebração. Irónico como esse processo de planeamento e montagem de preparativos se relaciona com a temática da exposição “Plano de Assalto”.

Print de vídeo da performance  
Eu cubro-te, tu cobres-me.  
Não vou falar sobre o que aconteceu ali.

Maus Hábitos - Espaço de intervenção cultural

Porto  
Maio, 2018





## Escudo

As memórias fizeram-me procurar uma ação e um objeto frequentemente usados neste contexto. O gesto de dobrar toalhas, de as pôr sobre a mesa, aguardar, retirar, voltar a dobrar, aguardar. Uma ação cíclica que vai de encontro à ideologia da repetição, da questão ritualística e até mesmo da viagem imaginada que esses momentos proporcionam de uma forma hipnótica.

A toalha como uma máscara, como escudo protetor, vista também como um símbolo de aproximação ao feminino e talvez à delicadeza. Referencialmente a imagem feminina é associada a este tipo de ações, o que se acentua à medida que vou pesquisando ideologias antigas sobre bons modos à mesa.

Utilizei toalhas bordô numa nova procura cromática e simbólica de aproximação às questões carnis, relacionando também todas as questões que surgiram anteriormente.

Desde que me recordo, estas toalhas são as mesmas que eram utilizadas quando eu ainda as ajudava a dobrar. Isso já foi há muito tempo atrás, não me recordava do seu real tamanho, nem a textura, nem sequer a forma como devem ser guardadas. Senti que esta reaproximação despoletou um novo fascínio pelo gesto, pelo controlo do movimento e pela forma. Por serem maiores do que eu requerem um envolvimento corporal que nenhum outro processo construtivo teria proporcionado até então. O método de dobragem cinge-se à procura pelas marcas deixadas pelas ações anteriores. Sendo este gesto sempre realizado em pé, existe uma relação a uma espécie de dança, uma combinação de movimentos que se gerem através da procura pelos vincos do tecido, voltando a ser acentuados. Estes movimentos tornam-se um treino de reforço da memória, funcionam também como um gesto preparativo que antecede uma possível ação.

Todas as toalhas são redondas, pesadas, algumas ainda brilham, outras já foram rompidas, chamam-se Camilhas.



## Estacas

Uma vez que me afastei do meu exército, não me seria possível reutilizar as estacas anteriormente usadas na oferta da "Reunião". Concluí que uma representação de ausência não tinha necessariamente de resultar num objeto sem informação ou rude, o que me fez pensar sobre qual seria o simbolismo que queria incutir nestes objetos. Tencionava que fossem impositivos pela sua forma, ao mesmo tempo que procurava algo leve, fluido, delicado e até místico. O que resultou num afastamento da linguagem utilizada nas estacas anteriores.

Optei por assumir o processo de procura pela forma utilizada na construção das armas. Seria importante nesta fase regressar manualmente à questão cíclica, ao estado de fuga como viagem e também à ideia de extensão do corpo. Procurei moldar pequenas espirais e curvas contra curvas, com a única intensão de que as pontas teriam de ser arredondadas. Construí doze estacas com as suas respetivas bases redondas, teriam de ser transportáveis e de fácil reposicionamento. Procurava uma certa relação com o corpo, de fácil envolvimento com os braços e mãos, quase como uma permissão para que as estacas também se adaptassem a mim, podendo hipoteticamente ganhar vida e moverem-se. Inicialmente assemelhavam-se a bastões mágicos, a possíveis cabos de vassouras de bruxa ou até mesmo a uma espécie de planta ou fungo que cresce de um suporte circular. Volta a surgir um apelo ao movimento, a uma visão estática de um objeto que enuncia um gesto, assim como uma aproximação a uma linguagem simbólica, talvez mística pelo simples facto de representarem ausências.







# Varinha de dedo apontado

Parafina;  
Madeira de pinho;  
Cordão  
41 x 15 x 4 cm.





Ainda sobre indicadores;  
Possibilidades

Gesso;  
Vidro;  
Contraplacado.  
23 x 10 x 8 cm





Eu cubro-te , tu cobres-me.  
Não vou falar sobre o que aconteceu ali.

Doze estacas de madeira de pinho;  
Doze camilhas;  
Dimensões variáveis.

Maus Hábitos - Espaço de intervenção cultural  
Porto  
Maio, 2018

Tentei olhar as estacas de cabeça para baixo, inevitavelmente o meu cabelo impediu-me de as ver, o que me fez instintivamente retirá-lo da frente dos olhos para as conseguir olhar novamente. Voltei a rodar a cabeça e o cabelo voltou a impedir-me de ver. Desta vez não o retirei, comecei a tentar observar as estacas por entre os meus cabelos, à procura que o meu movimento as fizesse movimentar também. Apercebi-me de que cada estaca poderia funcionar como uma ampliação de um fio de cabelo, do meu cabelo que tinha sido “arrancado” quando surgiram os conflitos com o espelho.

Esta associação fez-me acreditar que o intuito me continua a transportar para um lugar que ainda não consegui encontrar e que me permite trazer ao mundo material alguma mensagem que não consigo decifrar por enquanto.

Assumi que a ação que iria realizar, nos Maus Hábitos, seria a montagem e desmontagem de um encobrimento. O posicionamento das estacas, o ato de as cobrir, aguardar, retirar as camilhas e arrumar todas as estacas de novo.

Um momento de ação rápida que acontece num espaço fechado, que todos podem ver, mas ninguém pode intervir. Opto por assumir a sala de exposições como local onde estão guardadas as estacas e um cesto com uma pilha de camilhas, muitas mais do que as doze que seriam utilizadas na performance. Estes objetos ganham um tempo expositivo antes e após a ação. O cesto surge como sugestão de uma ação, é um cesto que foi resgatado da memória. Um dos muitos utilizados para transportar camilhas, desde que me recorde de as ajudar a transportar.

Surgem num canto da sala, uma pilha de toalhas bordô dentro de um cesto e um conjunto de estacas de madeira.



## Ali

A performance aconteceu numa pequena esplanada revestida por paredes de vidro. A impossibilidade de entrada de outras pessoas naquele espaço é acentuada uma vez que as portas estão trancadas, existe uma barreira imposta entre o espaço onde irá acontecer alguma coisa e quem vai observar a ação. Funciona como uma espécie de palco onde, naquele momento, apenas eu posso entrar.

O espaço estava vazio, apenas com as plantas e os vasos que lhe pertencem, não faria sentido que fossem retiradas.

Abre-se uma única porta que permite o acesso do Aquário à sala de exposições. Inicio a performance dentro da sala de exposições atirando as toalhas uma a uma para o chão, como uma simbologia de contagem para o inicio daquele momento. Após as doze camilhas estarem no chão, começo a distribuir as estacas uma a uma pelo espaço exterior, sem qualquer planeamento prévio, vou ajustando as distâncias, enquanto vou à sala de exposições e regresso com uma nova estaca. Apenas quando todas as estacas já estavam distribuídas pelo espaço é que começo a pegar nas camilhas, uma a uma, não me esquecendo que teria de as transportar com a mão esquerda e com as costas direitas. Quando todas as estacas estavam cobertas e com todos os drapeados prontos, reponho os focos de luz, ficando tudo pronto para aguardar, saio do Aquário, fecho a porta, ninguém entra ali.





Passado uma hora, volto a abrir a porta e dou início à desmontagem do trabalho, começo a retirar todas as camilhas de uma forma rápida, atirando-as para o chão ao lado do cesto que contém a restante pilha, não me apetecia dobrá-las novamente, teria de me apressar pois o espaço da esplanada teria de voltar a estar disponível para a festa que iria ocorrer poucas horas mais tarde...

Quando atirei todas as camilhas para o chão começo a retirar todas as estacas do Aquário, arrumando-as na sala de exposições. Por fim dirigi-me ao local onde tinha acabado de ocorrer a desmontagem e desliguei todos os focos de luz. Dando por terminado este momento, de luzes apagadas, volto a bater a porta. Os objetos arrumados dão origem a uma nova configuração do trabalho, o pós gesto, que simplesmente consiste na apresentação dos objetos que foram utilizados na performance, funcionando como um indício de uma nova ação.







Não tenho plena consciência do tempo que durou a ação, a partir do momento que a primeira camilha caiu no chão, senti que alguma coisa teria começado, não era só um gesto. Apesar de ter sido rápido a primeira e única contagem das doze camilhas tornou-se o momento mais longo na minha mente, estaria a enunciar a mim mesmo a primeira vez que iria agir para que outros me observassem. Nesta altura já me teria transformado num objeto, invertendo toda a minha lógica de observação dos objetos, torno-me num deles.

A questão do gesto isolado fez-me pensar sobre onde estaria realmente eu durante aquele momento. Não me recordo de qualquer pensamento que tenha surgido naquele agora.

O agora ocupou-me o pensamento de tal modo que ficou tudo retido na forma como os objetos se relacionaram comigo, naquele momento específico. Funcionou como um ritual de viagem, partindo de uma ação cíclica com objetos que sugerem formas cíclicas, resultando num envolvimento também cíclico, que gere um loop de pensamento que pode permitir um estado hipnótico.

No entanto, como o título desta performance sugere, não vou falar sobre o que aconteceu ali.

Foi a minha pequena viagem, um pequeno assalto.

## Exercícios de entendimento

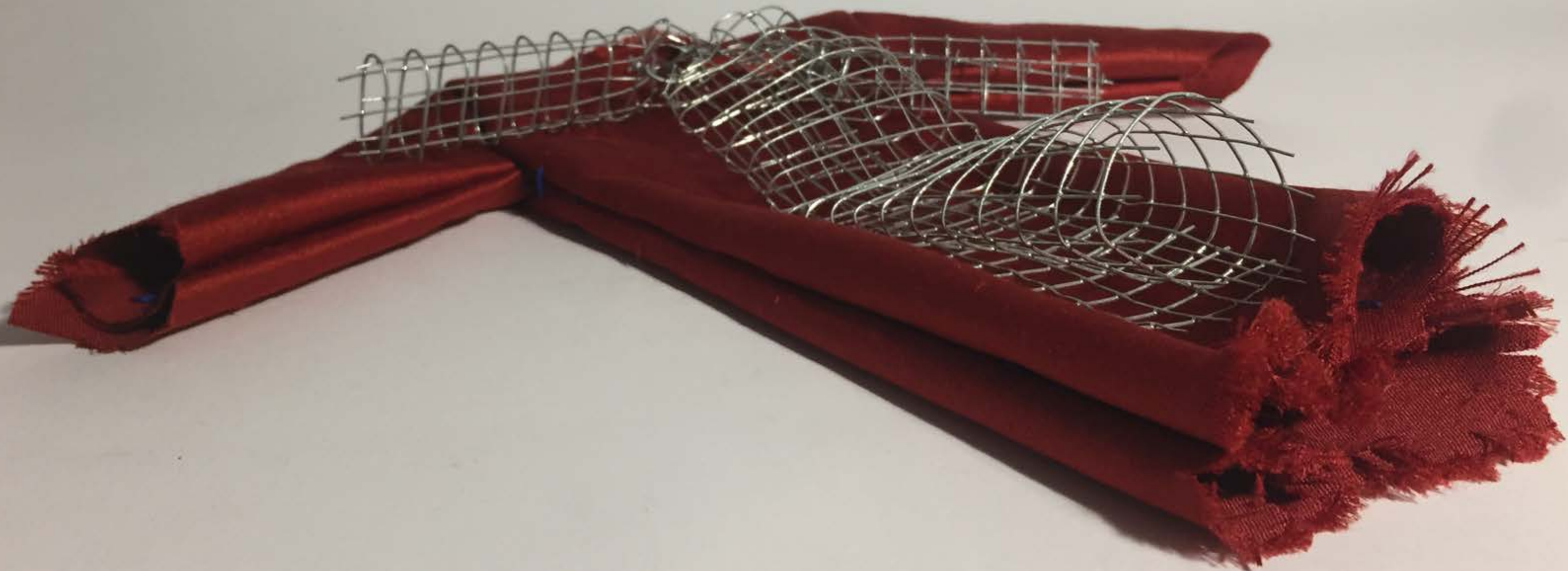
Aço - um presente;  
Gesso - parte de um molde usado para  
experiência em vidro soprado;  
Dimensões variáveis.





## Estrutura para ritual

Arame;  
Parte de Camilha;  
27 x 26 x 7 cm



## A Destruição da Coisa

Chegou o momento de manifestação de um desejo, o momento que ainda não me sinto capaz de destruir a “Coisa”, apresentando apenas a intensão.

Chegou o momento de voltar a pegar em todas as armas, reunir todos os amuletos e reflexões, fazer as pazes com o espelho e pensar todos os dias se a minha oferenda foi aceite. Cheguei ao fim dos preparativos, finalmente seria a hora de agir. Nunca consegui realmente pensar sobre como seria este momento, apesar de já estar planeado, permanecia uma incógnita.

O momento em que tenho total poder sobre a ação, tenho dois amuletos comigo. Estes tão cravados na minha roupa, uma máscara e duas pequenas armas cruzadas. Senti que seriam os únicos necessários para que me sentisse sempre protegido. Pertencem aos meus pais.

A reaparição da “Coisa” revela-se de forma impositiva, no centro da sala de exposições. Este espaço torna-se um suporte, uma arena ou até mesmo um palco. A “Coisa” foi reconstruída através dos pedaços de espuma de poliuretano utilizados na primeira aparição, no entanto apresenta-se com uma configuração diferente, circular, um pouco mais alta do que eu e bastante larga.

As características orgânicas e o apelo ao movimento mantêm-se uma vez que tencionava representar a mesma “Coisa” num espaço diferente e num estado diferente de movimento. Nesta altura, já teria sido afastada das paredes, já não teria mais um suporte para estar, mas continuava ali, à minha frente e a mover-se. Chegou o momento que tenho de a enfrentar.

## A Destruição da Coisa

Performance

Maus Hábitos - Espaço de intervenção cultural

Porto  
Maio, 2018





Teria chegado a altura em que iria combater toda a minha fragilidade encoberta até então, previa um momento de enorme tensão emocional isolado. Apesar de se tratar de um ato de destruição, como um símbolo de revolta e necessidade de materialização do maior desejo que alguma vez tive, seria o momento em que a construção de todos os preparativos se iria por em causa.

A dúvida mantém-se, a ansiedade também, estava demasiado nervoso e entusiasmado com o confronto.

Senti que a ação poderia funcionar como uma ilustração de um sonho, o que me fez pensar nesta performance a nível sensorial, sentindo que seria necessário o acrescentar de algum tipo de som. Procurava um elemento auditivo que me permitisse um certo estado em encubação, ou até mesmo um barulho do interior de alguma coisa. Optei por utilizar um som grave, orgânico e constante, simboliza um apelo ao movimento, assim como um transporte para outro contexto diferente do burburinho habitual.

Para que tudo corra bem,  
um boneco

Arame;  
Barro;  
Papel;  
Fio de cabelo;  
Vernizes.  
13 x 7 x 15 cm





## Derrames de luz

Distribuí todas as armas com as suas respetivas caixas à volta da "Coisa". Numa procura pelo círculo, deixo um pequeno espaço entra a "Coisa" e as armas, sendo esse o único percurso que vou percorrer durante a destruição, em círculos.

A performance inicia-se. Repetitivamente circundo a "Coisa", até que decido pegar numa arma.

À medida que vou usando as armas, uma a uma, apercebo-me de que se vão partindo, poucas foram as que se mantiveram intactas.

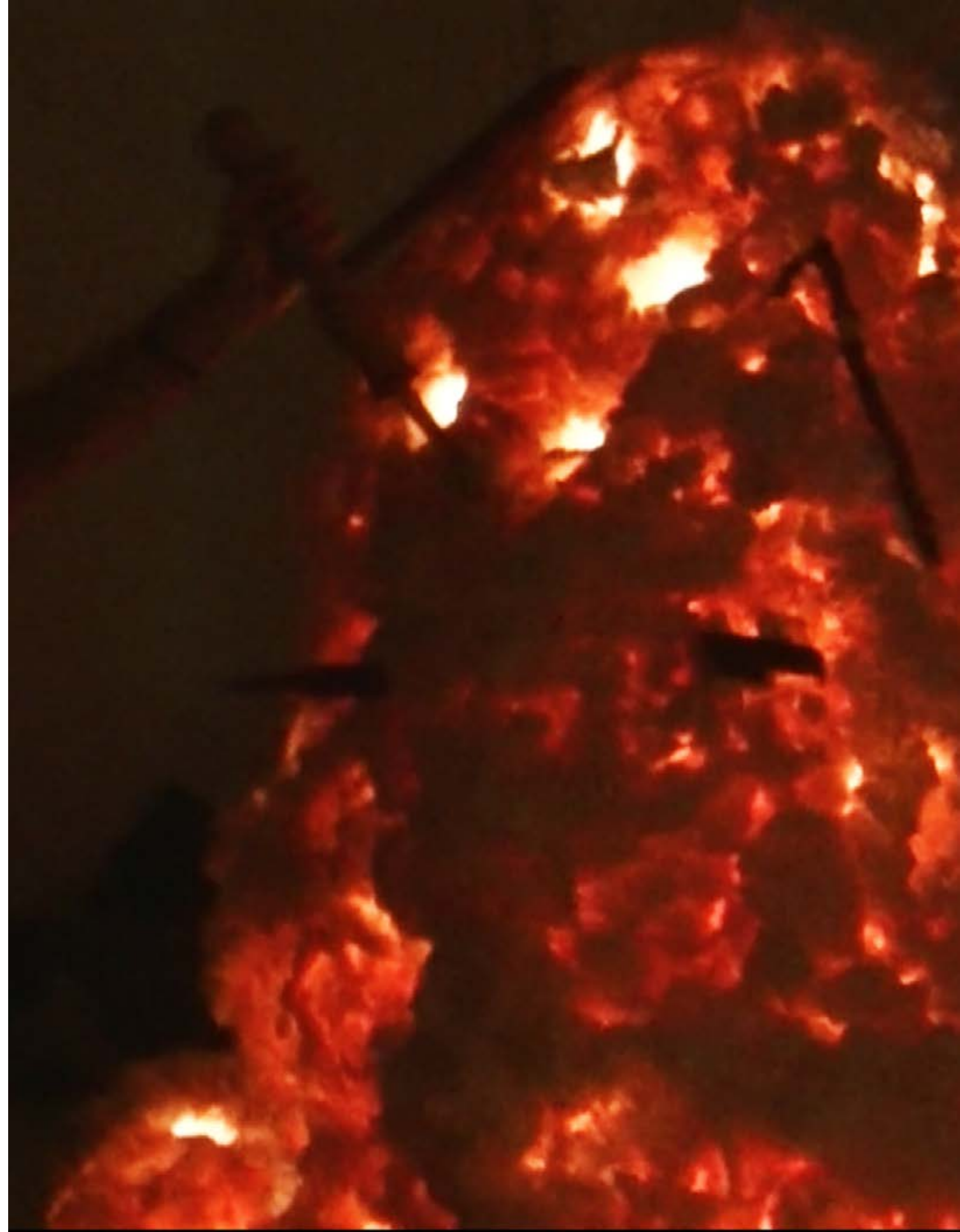
Uma a uma vão sendo testadas enquanto ocupam a sua primeira função de espetar, cortar, rasgar e partir. Não foi surpreendente pois sempre tive consciência de que tinha construído armas frágeis que possivelmente se iriam partir. No entanto, a dado momento senti que se acentuou a tentativa falhada de destruir um objeto que oferece resistência. A sensação de impossibilidade, incapacidade e ansiedade foram aspetos que senti que estavam presentes enquanto observava as armas a partirem-se nas minhas mãos.

O momento em que as armas entraram em contacto com a "Coisa", deu origem a crateras que expeliam raios de luz à medida que os objetos perfuravam a matéria. Um gesto que possibilitou o aparecimento da luz, o que me fez relacionar com um corte na pele, por exemplo, que dá origem a um derrame de sangue.





Não senti que teria de desfazer a "Coisa" na sua totalidade, até porque não é disso de que trata este momento. Poderia realmente ter usado todas as minhas armas com uma intensidade muito maior, tinha armas que não quebraram, poderia destruir tudo à pancada, seria o momento ideal para libertar todas as emoções contidas. No entanto, apercebi-me de que esta ação não era sobre a "Coisa", nem sequer sobre a destruição de um objeto que criei, para que existisse realmente. Trata-se da manifestação de um desejo, não da sua concretização. Passou a ser sobre toda a insuficiência dos restantes objetos, passou a ser sobre o meu conformismo momentâneo em não conseguir destruir um objeto. Apercebi-me também que não se tratava de uma manifestação silenciosa, mas sim da simbologia da ação, de todos os objetos que surgiram obcessivamente e da forma como foram pensados.







## A negação do preciosismo

Apesar do objeto "Coisa" ser um símbolo de algo que eu não quero e que desejo a sua destruição, desenvolvi inevitavelmente um envolvimento e até um fascínio para com a "Coisa". Tornando-a o elemento mais precioso deste agora.

A tentativa de direcionar emoções para um objeto e tentar manifestar intensões para com ele torna-se apenas uma forma de me afirmar enquanto espectador de uma grande aparição. Materializar um agora tornou-se a melhor forma de saber como lidar realmente com algo que eu não quero, pelo menos metaforicamente. O que me faz refletir que afinal não seria assim tão necessário destruir por completo um objeto que considero precioso, porque a minha intensão e desejo nunca foi realmente essa. Cheguei à conclusão que este desejo não se pode manter pelo plano material, até porque eu nunca vi realmente o que simbolizo como a "Coisa".

Esta ação fez-me pensar sobre toda a inutilidade desta batalha material e toda a inutilidade dos meus recursos. Consegui danificar a "Coisa" e até a mim mesmo, mas ela continua ali, semi destruída à minha frente e eu continuo aqui, no fim da minha performance, enquanto aperto os botões da minha camisa e me vou embora. Este gesto funciona como um novo afastar da batalha, com o objetivo de procura por novos recursos, até que o desejo se concretize. Não sinto que tenha sido um confronto final, uma vez que iniciei pesquisas sobre magia e todo o poder simbólico das ações e dos objetos, não tendo qualquer tipo de crenças. Uma vez que este desejo não se mantém no campo material, os meus recursos terão também de se afastar do campo material. Só se combate o desconhecido, através do desconhecido.


No fim da performance, restam as armas quebradas e a "Coisa" perfurada. As armas são outra coisa agora, já não poderão mais voltar a ser utilizadas, já exerceram a sua única função. Passaram a ser registos de uma intensão, podem também ser consideradas como autorrepresentações, como todos os objetos que surgiram ao longo desta batalha. Passam a ser objetos que transparecem um fragilidade, tornar-se contraditórios no que diz respeito ao pré e pós ação. Passam a ter uma nova carga simbólica diferente da que lhes tinha sido atribuída anteriormente. Podem tornar-se novos amuletos, em novos objetos místicos que contém vestígios de uma procura pelo seu próprio referente. Todas regressam às suas caixas, voltam a aguardar.



Um velho amigo,  
já só tem um braço.

Madeira;  
7 x 20 x 38 cm





Consigo quase ouvir um suspiro. Não sei se é teu, se é meu.  
Mas sinto-o, apesar de não o ouvir realmente.  
Imagino-te quase como uma forma flutuante, que aguarda.  
Mas o quê?  
Agora só nos resta esperar.

Cadeiras.

Centro Hospitalar Conde de Ferreira  
Porto, 2017









# Não é inútil

Não é inútil construir armas frágeis.  
Não é inútil olhar o meu reflexo, repetitivamente.  
Não é inútil estar em silêncio.  
Não é inútil desejar o silêncio de palavras que não quero ouvir.  
Não é inútil colocar amuletos no meu jardim e pensar que me protegem de alguma forma.  
Não é inútil pensar, só é cansativo pensar, pensar, pensar e pensar.  
Não é inútil todo este processo repetitivo, nem sequer entrar num campo ritualístico sem alguma crença.  
Não é inútil o sentimentalismo.  
Não é inútil observar o meu cabelo, muito menos desejar arrancá-lo.  
Não é inútil a camuflagem, muito menos a construção de máscaras que não posso usar.  
Não é inútil procurar-me como um objeto.  
Não é inútil permitir que objetos falem por mim.  
Não é inútil falar com objetos.  
Não é inútil criar um pequeno exército, muito menos sentir-me seguro com ele.  
Não é inútil não saber lutar contra algo que não quero.  
Não é inútil ter consciência de que não posso realmente lutar.  
Não é inútil partir coisas, nem sequer admirá-las por isso.  
Não é inútil fazer um ex-voto, muito menos acreditar que possa ter resultado.  
Não é inútil desejar uma coleção de espelhos.  
Não é inútil ter coleções de objetos.  
Não é inútil ler sobre bruxaria.

Não é inútil oferecer a minha vaidade em troca de um desejo.  
Não é inútil sonhar e registar cada sonho.  
Não é inútil procurar constantemente trevos de 4 folhas.  
Não é inútil querer levar todas as flores que existem para o meu jardim.  
Não é inútil estar sempre a mudar os objetos de lugar.  
Não é inútil construir um arquivo de métodos de proteção contra o desconhecido.  
Não é inútil a redundância do eu.  
Não é inútil ter comigo uma bolsinha de amuletos, todos os dias.  
Não é inútil acreditar que talvez ainda exista magia.  
Não é inútil pensar que consigo fazer magia.  
Não é inútil observar o nada, à procura de alguma coisa.  
Não é inútil representar o sonho, nem sequer tentar transportá-lo.  
Não é inútil associar o dia cinzento ao estado de espírito.  
Não é inútil ouvir música constantemente.  
Não é inútil encenar, muito menos dançar.  
Não é inútil chorar sempre que penso sobre a Coisa.  
Não é inútil adorar um objeto que representa algo que odeio.  
Não é inútil não pensar noutra coisa.  
Não é inútil representar representações de ausência.  
Não é inútil desejar voar.  
Não é inútil fazer fogueiras na praia, nem sequer dançar à volta delas.  
Não é inútil querer apanhar uma nuvem, nem sequer uma estrela cadente.  
Não é inútil construir um arquivo de pedras, nem trazer comigo pedras de todos os lugares.  
Não é inútil construir armas com ramos de árvores.  
Não é inútil desenhar círculos em todo o lado.  
Não é inútil deixar cartas no mar.

Não é inútil fugir para a floresta.  
Não é inútil ir à praia em noites de lua cheia.  
Não é inútil observar objetos obcessivamente.  
Não é inútil dobrar tecidos, muito menos fazer disso um ritual.  
Não é inútil querer destruir a coisa.  
Não é inútil que as minhas armas se destruam antes de poderem destruir.  
Não é inútil que os amuletos não sejam utilizados.  
Não é inútil testar um vudu em mim mesmo.  
Não é inútil o arquivo da fragilidade, muito menos trabalhar sobre o que sinto.  
Não é inútil fazer figas, nem sequer conversar comigo mesmo.  
Não é inútil enaltecer um ego através de objetos.  
Não é inútil materializar as minhas emoções.  
Não é inútil acreditar que os objetos dizem mais do que o que podemos dizer sobre eles.  
Não é inútil oferecer uma arma a quem me ofereceu tudo o que tinha.  
Não é inútil acreditar.  
Não é inútil lutar.  
Não é inútil.

Nada disto foi inútil.





# Bibliografia

- Adams, Tony E.(2015) "Autoethnography Compreender Pesquisa Qualitativa" imprensa Universidade de Oxford, 1-203
- Afonso, Nadir, (2010) O tempo não existe: Manifesto
- Barths, Roland,(1988(1984)) O rumor da língua.Tradução Leyla Perrone Moisés. São Paulo/Campinas: Brasiliense/Ed. Da Unicamp; (2003) Mitologias.Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Difel;
- (1975) Ronald Barthes, por Ronald Barthes. Tradução de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix
- Bourdieu, Pierre, (1994). O poder Simbólico, Difel
- Boyd,D.(2008).Autoethnography como ferramenta de aprendizagem transformadora sobre o privilégio branco. Journal of Transformadora Educação, 6 (3), 212-225
- Chang, Heewon. (2008). Autoethnography como método . Walnut Creek, CA: Left Coast Press
- Costa Lima, Luiz, (1986) Sociedade e discurso ficcional. Rio de Janeiro: Editora Goanabara; (1988) o fingidor e o censor. No ancien Régime, no iluminismo, e hoje. Rio de Janeiro: Forense universitária; (1988) os limites da voz. Os limites da voz. Montaigne, Schlegel. Rio de Janeiro: Rocco
- Derridá, Jaques, (1996(1987)). De la gramatologie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967; La deconstrucción en las fronteras de la filosofía. Barcelona, Paidós
- Devault, M. (1997). Escrita pessoal na pesquisa social.Em R. Hertz (Ed.), Reflexividade e voz (pp. 216-228). Londres: Sage
- Foucault, Michel, (2004) "A escrita de si". Ditos e escritos. Vol V. Ética, sexualidade e política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbaso. Rio de Janeiro, Forense; (1994 (1969)) "qu'est-ce qu'un auteur?" Ditset écrits. Vol I, Paris: Gallimard
- Klinguer, Diana Irene, (2006) "Escritas de si, escritas do outro: Auto ficção e etnografia na narrativa latino- americana contemporânea". Rio de Janeiro
- LeGouis, Catherine, (1997). Positivismo e Imaginação: cientificismo e seus limites em Emile Hennequin, Wilhelm Scherer e Dmitril Pisarev . Bucknell University Press. Londres
- Mises, Richard von, (1951). Positivismo: Um Estudo no entendimento humano . Harvard University Press. Cambridge; Massachusetts
- Ordine, Nuccio, (2016). A utilidade do inútil. Faktoria K de livros
- Papanek, Victor, (1995) Arquitetura e design. Edições 70
- Panofsky, E., (2002). Significado nas Artes Visuais. São Paulo: Perspetiva
- Philip L. Goodwin, Eadward Durell Stone. (1939).The Museum of Modern Art, New York
- Richardson, L. (2000). Avaliando etnografia. Investigação Qualitativa, 6 (2) , 253-255
- Sparkes, AC (2000). Autoethnography e narrativas de si: Reflexões sobre os critérios em ação. Sociologia do Desporto Journal, 17 , 21-41
- Tavares, Gonçalo M. (2013). Atlas do corpo e da imaginação: teorias, fragmentos e imagens. Alfragide: Caminho.
- Vasconcelos e Sousa, Gonçalo de, (2003). Metodologia da Investigação, Redação e Apresentação de Trabalhos Científicos. Livraria Civilização editora.
- Walty, Ivete Lara Camargos, (2001), O que é ficção? São Paulo: Brasiliense
- Weissenhof, (1927). Siedlung Houses 14 and 15. Le Corbusier and Pierre Jeanneret

















# Apontamentos de desembarque no real



É quase, quase de manhã,  
ainda há iluminação pública,  
vejo uma rua, uma estrada escondida por entre o  
nevoeiro,  
vazia,  
vagueio, sigo o seu caminho,  
sinto-me demasiado atento a tudo o que esta a  
minha volta.  
O que é que podia acontecer agora?  
Está frio...  
Sinto-me um intruso aqui,  
Que momento é este, que hora é esta?  
Não ouço nada,  
Quase parece que não estou aqui, não é isto que  
ouço.  
Atrasei-me.

Tanto barulho!  
Ruídos e pancadas constantes.  
Ouvi um novo ruído  
Como um ritmo que faz com que este barulho  
de dissolva.  
Prevalece,  
Prevalece o burburinho e as pancadas.  
Tenho um sussurro muito próximo,  
Não consigo perceber o que diz,  
Com silêncio,  
poderia ser quase um cântico sussurrado.



Está muito calor,  
a noite está completamente fechada,  
não faço ideia de onde estou,  
estão ali várias mascaras coloridas,  
demasiado apelativas  
de tal forma que não consigo vê-las senão com  
um corpo adjacente  
estão tão camufladas,  
perco-as, enquanto procuro por outras  
parece um círculo de culto,  
ou então uma dança à volta da fogueira!

Observo-te como uma superfície palpável,  
como algo inatingível,  
ou então,  
simplesmente sem forma.  
Não te sei decifrar,  
Estás tão longe!

Sinceramente, nem a tua cor consigo perceber...  
Generalizo-te com um branco qualquer,  
Puro e limpo.

As tuas sombras cativam-me demasiado.  
Vou colocar-te num pedestal, já quase lá estás.  
Mas,  
Sempre serás inalcançável!  
Não és tu mais um Deus todo poderoso?

És como um manto,  
como algo que simplesmente se apodera da  
atmosfera,  
separas-te, unes-te  
desapareces simplesmente,  
uma adaptação e expansão incrível,  
talvez invejável,  
ninguém te conseguirá prender,  
livre? Talvez...  
puramente silenciosa,  
nunca vista da mesma forma, com a mesma  
forma  
identificável,  
dificilmente irreconhecível.



O nevoeiro voa rapidamente sobre o verde,  
sobre o frio.

São difíceis os brancos,  
São difíceis os pontos que cativam.  
Aquilo parecia um caminho sem fim.  
Quer dizer, tem sempre de haver um fim.

O castanho está adormecido,  
O céu contém diferentes massas, diferenciadas  
pelo cinzento,  
Os verdes!

São todos tão diferentes, ainda não vi nenhum  
igual.

Estão molhados,  
Com um brilho demasiado específico para  
descrever,

Na realidade, não brilha assim tanto.

O cinzento está tão frio e intocável.

Austero,

Muitas pedras,

Um riacho, que flutua

Esse sim, com uma textura suave,

Tão suave, com todo o  
(terminou a folha)

Aparecem como pontos cintilantes,  
no meio do nada,  
no meio do meu próprio reflexo,  
consigo ver-me duas vezes,  
onde está o terceiro eu?  
Estará preso dentro desta película?  
Permaneço aqui,  
Preso neste espaço,  
Com algumas nuances do que se passa lá fora.

Destino: regresso.  
Não consigo parar de olhar,  
Não consigo deixar de questionar,  
Já não sei acreditar,  
Nem sequer pensar de outra forma.  
Sinto-me bem, curioso.  
Era um ponto inatingível,  
Sentir o toque de algo tão,  
tão efêmero.  
Não tinha como o manter nas minhas mãos,  
Desaparecia simplesmente,  
Como água gelada,  
Fiquei deslumbrado ao ver-te desaparecer,  
Senti-me iludido com essa quase magia,  
Essa que consigo ver e tocar,  
Só não te consegui guardar.  
Fascinou-me, só por ser outro estado,  
Mais um...



Era só um espaço,  
escuro, funciona como uma área comum,  
dividida em secções que permitiam uma  
individualidade estúpida.  
Quase como um palco,  
Sem experiência.  
Vejo uma cadeira! Para mim?  
Assim já consigo ver e interpretar tudo isto de  
outra forma...  
Posso representar também!  
Algum azul?  
Esverdeado... mas não clinico.  
Não sei bem,  
Talvez avermelhado e teatral...  
Um ato de espera,  
Sou uma plateia,  
A plateia.  
Ou estou só a fingir que vejo?

Não sei se queria ter entrado aqui.  
isto está a ser estranho,  
sinto muitas presenças,  
mas estou sozinho!  
Sinto tanta coisa que não pode ser dita,  
Apenas sinto,  
Sinto muito...  
Onde?  
Já cá não estão.  
Mas estavam onde?  
Foram para onde?  
Onde foram todos vocês?  
Conseguem ouvir-me?  
Não sei se estou realmente a ouvir-vos,  
Desapareceram...

Vejo-me em círculos,  
rápido, rápido!  
Os meus braços estão esticados, com poder  
sobre os objetos!  
Destruí tudo o que consegui,  
Apenas num só gesto.  
É fascinante ter poder completo sobre o que está  
a acontecer.  
Estou numa sala redonda,  
Já não me lembro de ter estado numa sala  
redonda...  
Não consigo pensar em nada, enquanto giro  
sobre mim mesmo.  
Estarei focado demais?  
Se me desconcentrar,  
Caiu tudo.



O que viste?  
Onde estiveste? O que sentes agora?  
Estou confuso sobre o que está a minha volta,  
Tranquiliza-me! E a ti?  
Consigo ouvir o som das folhas,  
Do vento, até da água!  
O que sentes?  
Consegues isolar-te? Sinto-me completamente  
isolado  
Sentes-te absorvido? Quase,  
Estou bem aqui,  
Estou completamente cá fora,  
E tu?  
E tu?  
O que vês?  
O que sentes agora?

Vejo uma janela,  
retangular,  
cortinas, verdes!  
Cortinas verdes.  
Luz, iluminação é fraca e ténue  
Aquilo parece o mar,  
Coberto com um véu amarelado que salienta o  
pó que esvoaça...  
Não consigo sair da janela,  
Está a ser asfixiante,  
Ele olha,  
eu olho,  
oh! sou eu!  
Como um duelo, atenuado pelos flashes de luz.  
Só não consigo reter todas as imagens que vejo,  
Pois.

Estamos frente a frente,  
novamente.  
olha para ti,  
o que vês?  
Porque é que te olhas tanto?  
O que procuras que já não tenhas visto?  
O que te cativa tanto numa superfície?  
A tua identidade?  
Defines-te assim?  
Então és só isto?  
Não sei responder.  
Era enorme,  
Parecia que quase me moldava,  
Vejo-me,  
Vejo-me em curvas e movimentos,  
Mas aquele não sou eu.



É um sitio longínquo,  
não me consegues ver aqui, nem eu!  
Nem ouvir, nem sentir...  
Diluo-me em sentimentos, eles são físicos agora.  
Vivo e respiro de vontades.  
Quando fecho os olhos,  
Tudo se concretiza  
Quando fecho os olhos,  
Consigo realmente ver sentir e estar.  
Consigo até deslocar-me para outro lugar.  
É isto que eu procuro?  
Voar e voar,  
Estive em muitos lugares,  
Todos eles me fascinaram,  
Havia algo de precioso em todos,  
Recordo-me de muitos azuis, muitos  
apontamentos dourados.  
Tudo se mexia, eu só flutuava  
Estático.

Sigo em direção à janela  
está ali ao fundo,  
esta lá fora uma mulher,  
De costas para mim,  
Está parada no ar,  
Não tenho como registrar o que estou a ver  
Ela volta-se para mim,  
Recuo,  
Ela pergunta-me porque não estou a voar  
também,  
Sem verbalizar,  
Digo-lhe que não consigo porque não tenho um  
objeto como o que ela tem nos pés,  
Era redondo,  
Brilhava em certos pontos,  
Pareciam cordas e plantas entrelaçadas,  
Muitos castanhos e alguns verdes.  
Ela retira-o dos seu pés,  
Enquanto continua a flutuar,  
Oferece-mo,  
Desaparece,  
Acordo sem conseguir olhar para o objeto que  
está nas minhas mãos.







# Armas que aguardam

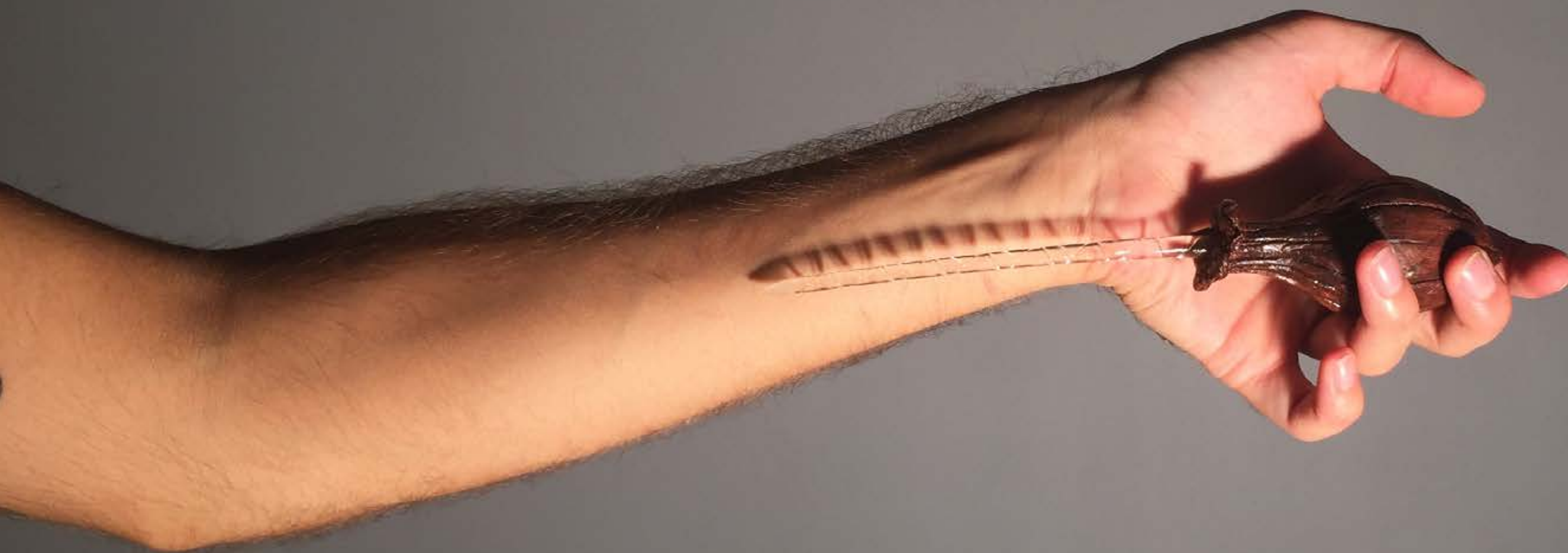
Tiago Martins Loureiro





Erínia

Vidro;  
Barro.



# Camuflada

Vidro;  
Barro;  
Ferro;  
Mármore;  
Pedras.



Um Presente

Aço.





Faca de quatro dentes

Aço;  
Madeira.



Decapital

Aço;  
Madeira.



## Venábulo voador

Madeira;  
Aço;  
Arame;  
Corda.





Especialmente assimétrica

Madeira;  
Aço.



# Dente de mármore

Barro;  
Mármore;  
Corda.



## Teste de força

Madeira;  
Tecido.





Agulha

Vidro;  
Corda.



Embrulhada

Aço;  
Barro.



Espada

Madeira.





Aprimeira

Madeira;  
Corda.



# Flecha

Madeira;  
Aço;  
Corda.



Teste bruto

Madeira;  
Corda.





# Machado

Madeira;  
Aço;  
Corda.



# Bastão pontiagudo

Madeira;  
Aço.



# Tubérculo

Barro;  
Aço;  
Corda.





Primeiro Bastão

Madeira;  
Barro.



A minha favorita

Aço;  
Barro  
Corda;  
Pedras.



# Punhal

Aço;  
Barro.





# Pé de gelo

Vidro;  
Tecido.



Crepital

Madeira;  
Pregos.



# Pregal

Barro;  
Corda;  
Pregos.





Apontamento

Aço;  
Corda.



Picador

Ramo de árvore;  
Corda.

